Francisco Marquelino Santana

POEMAS DA VIDA AMAZÔNICA

Morte e vida seringal

Volume 1 | 2ª edição



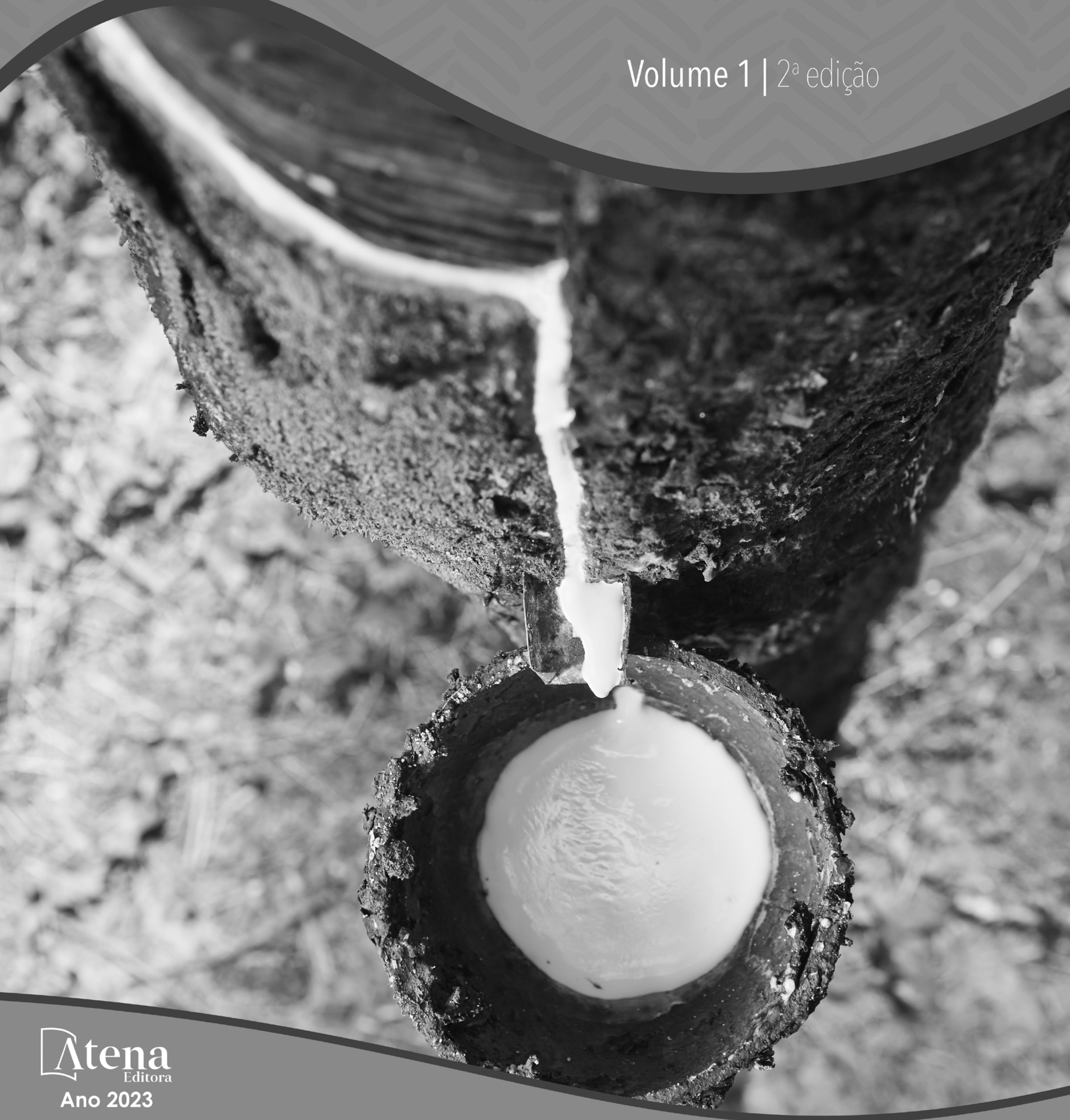
Atena
Editora
Ano 2023

Francisco Marquelino Santana

POEMAS DA VIDA AMAZÔNICA

Morte e vida seringal

Volume 1 | 2ª edição



Atena Editora
Ano 2023

Editora chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva
Natalia Oliveira
Assistente editorial
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos
Projeto gráfico
Camila Alves de Cremo
Luiza Alves Batista
Nataly Evilin Gayde
Imagens da capa
iStock
Edição de arte
Luiza Alves Batista

LINGUÍSTICAS, LETRAS E ARTES

Morte e vida seringal – 2ª Edição

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: Francisco Marquelino Santana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S232 Santana, Francisco Marquelino
Morte e vida seringal / Francisco Marquelino Santana. – 2. ed. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-1322-6
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.226230505

1. Poesia. 2. Literatura brasileira. I. Santana, Francisco Marquelino. II. Título.

CDD 869.91

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

DEDICATÓRIA

Eu dedico este livro aos seringueiros
que rasgaram varadouros e estradas
e com fé conduziram suas empreitadas
na figura de combatentes guerreiros.
Na Amazônia, nossos heróis brasileiros
irmanaram-se a animais e vegetais
e no convívio dos palcos florestais
foram soldados de sua preservação,
sempre atentos e dando total proteção
à majestosa mátria mãe dos seringais.

Como podemos identificar o exato momento em que recebemos uma boa notícia?

Eu estava amazonicamente, caboclamente deitado em minha rede, quando fui convidado pelo poeta cordelista e meu amigo Francisco Marcelino Santana para fazer o prefácio da trilogia de seu livro *Poemas da vida amazônica*.

Então, no embalo da rede comecei uma viagem para pensar em poesia. E consequentemente, pensar especificamente em poesia nordestina. Procurei por origens, formas, linguagens e tipos. Fui visitar as obras de meus amigos poetas e repentistas pois eu queria entender o que é a poesia nordestina.

Apenas puxei pelo fio do novelo e fui cair no universo diverso e rico da poesia. Essa foi uma demorada viagem porque não se faz de uma vez... é devagar... é por aproximação... também é preciso ser aceito. Pude ter acesso a algumas coisas e assim compreender, saborear, me deleitar passo a passo nesta onírica viagem rumo a poesia. A poesia é algo presente no pulsar da vida... É uma forma de olhar o mundo, a natureza e a vida de maneira primordial…

A poesia tem rima, ritmo e também não os têm... O que é a poesia então? Simples: é linguagem fluída. É mais ou menos assim: quando penso em Drummond, me revela muito forte a memória e o lugar; já em Shakespeare sinto o despertar para a humanidade... Penso em Zé da Luz e tudo que é atribuído a Zé Limeira e percebo que tudo pode ser recombinado, reestruturado e o que chamo de realidade está livre para ser totalmente subvertida na “poesia do absurdo” onde todas as formas, coisas, naturezas se juntam, conversam e interagem; encontro Patativa do Assaré e vejo o homem sábio que se faz e dialoga com o mundo... Catulo da Paixão Cearense que enxerga as formas de maneira embevecida... Vou visitar meu amigo poeta Alberto Lins Caldas, que com sua poesia entra na escuridão para reencontrar e reacender a chama do humano que existe em cada um de nós… E Cora Coralina? É uma mulher que passa toda uma vida colhendo palavras e no auge de sua vida se autoimortaliza e explode em palavras e encantos... ao encontrar Manoel de Barros sou impactado por suas poesias que destroem qualquer arrogância, posse ou materialidade das “importâncias” e então eu entendo “das desimportâncias do mundo”... Lembro de José Accioly Cavalcante Neto que em seu poema “Natureza das coisas” diz:

"a natureza não tem pressa, segue seu compasso, inexoravelmente chega lá", trazendo para sua sua poesia a palavra "inexoravelmente"... Como trazer uma palavra tão complexa para a poesia? Resposta simples: para a poesia não há limites ou muros, então, tudo se torna inexoravelmente possível...

O que é a poesia? Não sei. É expressão clara do espírito, a abrir o peito e mostrar o coração. É o ser humano se decompor em emoções e lágrimas e se reconstruir humanamente mais leve e mais puro.

E a poesia nordestina? Seja a "poesia nordestina" ou cordel ou poesia do povo, com sua origem vinda dos mouros e ibéricos, é uma criação própria do Nordeste brasileiro. É a nossa brasileiramente encantada... Me encanta a sonoridade, a posição das palavras… As palavras têm sintonia, se combinam com outras palavras como uma sinfonia. O caminho de fato não é uma preocupação pelas origens... esta é apenas o ponto de partida…

Aprendi com o poeta Alberto Lins Caldas que a "poesia nordestina" é o semiárido, o agreste, as zonas da mata, as pequenas cidades, as grandes cidades, o mar, as passagens, as pousadas que se tornariam cidades, as passagens e cruzamentos de rios, estações, explorações, crimes, violências, rememorações, comemorações, maneiras de manter a vida e suas âncoras, a vida e a morte, honras e desonras, pai e mãe, poderes e fraquezas, o que fazer, como dizer, o que escutar, como escutar, o corpo, os corpos, o desejo, os desejos. Escrever para fazer-se escutar e ensinar para criar seu lugar, proteger seu lugar, não apagar o passado, mas torná-lo grande e permanente. Uma maneira de alegria e dor. De fato, o poeta Alberto Lins Caldas sabe traçar um perfil do que é a poesia nordestina.

Já é momento de tratar da trilogia *Poemas da vida amazônica* do sertanejo Marquelino Santana professor, acadêmico, escritor, poeta e cordelista. Nascido na pequena cidade de Mauriti, interior do Ceará, onde firmou sua poesia junto a outros poetas e repentistas, como Patativa do Assaré, José Fernandes, Aderi Júnior, Pedro Ernesto, Neto Gomes, Raimundo Mariano, Daniel Mariano, Paulo Pereira, Horácio Neto, Acrísio Pereira e os saudosos Francisco Neto e Geraldo Nascimento, como tantos outros de sua região. Mauriti é cidade localizada na Chapada do Araripe, possui uma vegetação de caatinga, local de habitação dos povos tapuias. No poeta Marquelino corre em suas veias o valoroso sangue do povo Kariri talvez por isso, além de poeta cordelista e professor, é um ser humano de grande valor, amigo, solidário, fraterno, conciliador. Mas é preciso dizer já que estamos tratando da fala, que Mauriti vai se revelar em encantamentos e

versos quando é pronunciada na sonoridade correta: “Mauri-tí” acentuando forte na última sílaba.

A obra *Poemas da vida amazônica* é dividida em três tomos: “morte e vida seringal”, “etnocídio e resistência dos povos indígenas” e “escola e bem viver”. São três livros interligados e que trazem toda a carga cultural vivida e experienciada pelo poeta cordelista.

Logo no primeiro volume, *Poemas da vida amazônica: morte e vida seringal*, com o poema “Seringueiro sim, seringanado não” o poeta amplia o entendimento das palavras e já demonstra a sua postura de enfrentamento ao contar sob o olhar da vivência, a trajetória silenciada pela história oficial. A experiência do nordestino que chega na Amazônia para viver nos seringais, denuncia que esse ser humano, o seringueiro, não quer ser enganado. É uma narrativa contundente de avós, pais e de si próprio. Em versos está retratada a autobiografia que traz uma vivência coletiva. O olhar, a fala, a vida do nordestino que chega para trabalhar na Amazônia nos períodos de exploração da goma da borracha é silenciado. Os registros históricos validados e oficiais trazem uma versão distante ou invisibilizada da vida deste seringueiro. O cordelista Marquelino em palavras poetizadas e de profunda emoção traz os aspectos históricos sob outra perspectiva, a de quem viveu, sofreu e enfrentou o ambiente amazônico sob um regime econômico e de trabalho brutal por duas vezes aplicados pelo capitalismo no final do século XIX e meados do século XX na Amazônia.

A narrativa poética do cordelista Marquelino retrata a vida dos povos originários de um ponto de vista humano, solidário e de proximidade com os povos originários encontrados aqui na Amazônia. Não há contradição entre o kariri adormecido no sangue do cordelista com os povos que aqui encontrou e convive. A poesia cordelista retrata a dor e o sangue derramado dos povos originários, conforme podemos verificar nos poemas do segundo volume da trilogia, *Poemas da vida amazônica: etnocídio e resistência dos povos indígenas*.

O terceiro volume da trilogia, *Poemas da Vida Amazônica: escola e bem viver*, é ambientado no sonho e amor que o cordelista Marquelino tem pela escola, pelo processo mágico e transformador do ensinar-e-aprender, dos saberes e do conhecimento. Assim se caracteriza o volume três “escola e o bem viver”. A escola é o universo onírico retratado pela narrativa poética do cordelista. A escola, o aprender, o reconhecer os diversos saberes rompem os limites do tempo pois modela o futuro, constrói sonhos, alimenta a liberdade, desvanece a obscuridão da ignorância, floresce a felicidade e nos reconhecemos humanos...

demasiadamente humanos...

Hora de voltar de minha viagem pela poesia proporcionado pela obra *Poemas da vida amazônica*. Não é uma viagem necessariamente particular. Basta abrir o livro do cordelista Marquelino.

A minha mente ainda na poesia, o meu pé levemente toca no chão e impulsiona minha rede e volto a me embalar...

preguiçosamente...

caboclamente...

amazonicamente...

Como diz o povo Kaxarari ao finalizar uma fala: "... era só isso que eu tinha pra dizer..."

Josué da Costa Silva

SUMÁRIO

SERINGUEIRO SIM, SERINGANADO NÃO

Certo dia eu acordei assustado
no aconchego do meu velho tapiri,
pulei da rede e fui logo me vestir;
cheguei lá fora, já bastante preocupado,
me deparei com meu pai todo animado,
agarrado numa paca pelo pé:
– Corre aqui, me ajuda, Barnabé,
olha só o que foi que eu matei!
Aí eu vi que o tiro que escutei
tinha sido um tiro de muita fé.

Aquela paca chegou numa boa ocasião
pois nossas caças já tinham se acabado.
O meu pai, ele estava endividado
e não queria comprar fiado mais não.
Caçador valente, meu pai chamava-se João
e era um homem muito alegre e sonhador.
O sonho dele era que eu fosse um doutor
para defender a luta dos seringueiros.
Ali estávamos, perseguidos por pistoleiros
homens covardes, sem justiça e sem pudor.

Na época, eu tinha 15 anos de idade,
ano de mil novecentos e setenta e cinco.
No seringal sempre me dediquei com afinco,
muita garra, muita fé e humildade,
mas aí surgiu uma grande perversidade
desse povo que apareceu por aqui
tomando as terras somente para destruir,
desmatando para encher a terra de gado.
Depois, bandido, jagunço e peão rodado
matava ou obrigava o seringueiro a fugir.

Neste mesmo ano, eu comecei a estudar

a pedido do meu avô e de meu pai.
A tristeza junto comigo segue, vai
e na estrada eu me pus a lamentar,
pois o seringal eu não queria deixar,
ali estava por inteiro nossa vida.
No tapiri, a moradia era dividida
com minha mãe, meu pai e meu avô;
a minha mãe não suportando chorou,
ficando em prantos, uma heroína sofrida.

Olhei para trás, vi quando ela se ajoelhou
e, naquele instante, começou logo a rezar
pedindo a Deus para ele me abençoar.
Enquanto isso, meu pai a ela falou:
– Maria, nosso filho vai ser um vencedor.
Senti uma dor e procurei meu destino,
saí tristonho, sim, como um peregrino
e em Brasileia fui morar com o tio Val.
As seringueiras choravam no seringal
se despedindo do seu querido menino.

Certo dia, meu pai foi me visitar
e falou-me da jagunçada no seringal:
– Chega de extrativismo vegetal!
Assim falou um jagunço a ameaçar,
prometendo a todos nos expulsar
e nos punir com severas perseguições.
Muitos abandonaram as colocações
e foram embora com corações partidos,
humilhados, injustiçados, vencidos
como escravos confinados em porões.

Fiquei triste com o que estava acontecendo
e o meu pai falou que íamos resistir.
Em Brasileia, fomos todos nos reunir
pois nosso povo estava reagindo e morrendo...

Se for para morrer, morreremos combatendo,
defendendo nossos irmãos da floresta.
A nossa gente acredita e se manifesta
exigindo nossa real libertação e não
aceitando essa terrível dominação
nosso povo vai à luta, reage e protesta.

Os seringueiros fundaram um sindicato
e tiveram um grande apoio da igreja;
em seguida, o nosso povo planejou
realizar na cidade um grande ato
denunciando mortes existentes de fato
acusando poderosos fazendeiros.
Era preciso enfrentar esses grileiros
e demonstrar nossa força e união;
o empate seria a única solução
em defesa da honra dos seringueiros.

Em Brasiléia, eu continuava estudando
e avançando nos estudos a cada dia;
do meu querido seringal não esquecia
e muitas vezes passava a noite sonhando.
Agora vejo fazendeiros lhe maltratando
e destruindo todo esse reino vegetal.
Outra gente nos humilha e nos faz mal
não deixando a gente sobreviver;
nosso povo condenado a morrer
e a levar junto dele o seringal.

O meu pai com quarenta e cinco anos de idade
não se separava do meu querido avô;
todos nós tínhamos por ele um grande amor,
pois meu avô tinha muita força de vontade.
Eram oitenta anos com espírito de mocidade.

Ele se chamava Francisco Gomez Pereira,

nascido no seringal, lá viveu a vida inteira,
nunca pensando em jamais sair de lá
tendo ali nascido, ali vai se enterrar,
dizendo ele, ao lado de uma seringueira.

Meu avô um dia foi convidado
para participar de uma reunião na prelazia.
Ele se arrumou e logo disse que ia,
pois se sentiu humildemente honrado
com o evento pela igreja organizado.
Para lutar em defesa do seringueiro,
Dom Moacir, um bispo, um guerreiro
enfrentou as garras da ditadura
e com fé, esperança e bravura
defendeu este povo brasileiro.

Em mil novecentos e setenta e seis
uma cruz pela justiça Dom Moacir enterra
e com a Comissão Pastoral da Terra
a luta social vai começar a progredir.
No momento em que também vai surgir
o Conselho Indígena Missionário
Deus envia mais um filho revolucionário
para liderar comunidades eclesiais de base,
tal como Jesus Cristo em outra fase
combateu o poder reacionário.

A união dos trabalhadores em agricultura
também ingressa no apoio à prelazia
e através da sua delegacia
defenderia nosso povo e nossa cultura.
Essa força coesa, forte e segura
fortalecia a luta do sindicato
desafiando do Estado, seu aparato;
todavia, apoiava os fazendeiros
e a nossa classe humilde de seringueiros

iria lutar de modo justo e sensato.

Em represália às ações da prelazia
pistoleiros invadiam colocações;
encontravam posseiros em orações
almejando um raiar de novo dia.
Os jagunços dotados de selvageria
os agrediam com ódio e sem piedade.
Tais atitudes geravam protestos na cidade,
com o apoio da CPT, Contag e sindicato
certo dia assisti a um grande ato, onde
se pedia justiça, paz e fraternidade.

O Estado omisso e inoperante
abria as portas à crescente pecuária;
a segurança agia na questão agrária
em benefício de uma classe dominante.
A justiça morosa vivia distante
silenciando os segredos da ditadura;
o latifúndio alcançava uma desenvoltura
jamais visto naquele pedaço de chão;
e o aparelho ideológico de comunicação
dominava e destruía nossa cultura.

Nesse dia falou um grande defensor
e um grande líder do povo seringueiro.
Ele era chamado de Wilson Pinheiro
a quem o povo lhe tratava com muito amor.
Muita gente se emocionou e chorou
ao ver Wilson defendendo seringal;
ele gritava pedindo justiça social
e providências dos poderes da Nação.
Aclamado e chamado de Wilssão,
ele era a voz da floresta nacional.

Wilssão mais de uma vez se emocionou

e pediu a atenção dos seringueiros,
a quem chamou de amigos e companheiros
para ouvir as palavras do meu avô.
Já velhinho, Vô Francisco se levantou,
em seguida, fez os seus agradecimentos
pediu a todos que ouvissem seu pensamento
e que lutassem em defesa da nossa história.
O meu avô jamais tirou da memória
aqueles que padeceram em sofrimento.

Meu avô pediu ali naquele momento
para contar um assunto verdadeiro;
queria falar do seu pai, um seringueiro
a quem lhe guardava precioso sentimento.
Ele disse que seu pai era um talento,
um guerreiro que veio para trabalhar,
ele e a esposa do distante Ceará
como muitos para viver da extração.
Mas, logo percebeu o faro da exploração
e decidiu o seringalista enfrentar.

Meu avô disse que ele foi organizar
um grande contingente de seringueiros,
aqueles que se tornaram seus meeiros
e com ele decidiram trabalhar.
Além disso, aquele grupo veio conquistar
com muito respeito o temido seringalista,
pois ele lia cordel, livro e revista,
ganhando ali uma grande admiração,
tornando-se um líder no reino da extração,
se transformando num jovem idealista.

Todos ali estavam escutando
a palestra ativa do meu avô;
suas palavras ecoavam com pudor
e os seringueiros estavam todos gostando.

Suas palavras estavam incentivando
nossa gente a poder se libertar.
O meu avô queria a todos mostrar
que nós devíamos ter mais força e união;
e com bravura no seu velho coração,
humildemente ele voltou a falar:

- Eu digo a vocês, enquanto estou vivo,
que minha mãe era símbolo de mulher.
Ela tornou-se uma guerreira de fé
falando em tom alto e positivo;
com ela ninguém sofria prejuízo, pois
era uma jovem respeitada e bem vista.
Estudiosa, inteligente, ativista,
era quem fazia os acertos do barracão.
Certo dia, ela fez, porém, uma confusão
que o noteiro desapareceu de sua vista.

- Companheiros, a vocês eu vou dizer
que minha mãe era uma valente mulher;
eu digo que é mentira de quem disser
que no seringal só o homem tinha poder.
Minha mãe botou o noteiro para correr
e ficou ali, com um bacamarte na mão.
Pulou ligeiro para dentro do barracão,
valente igualmente uma cascavel;
aí mandou chamar o tal coronel que
lá chegou com a fama de valentão!

- Mas não é o diabo não? -
assim falou o coronel embravecido
- Para onde foi o noteiro Aparecido?
Aí minha mãe meteu a mão no balcão
e chamou o noteiro de ladrão:
- Aquele safado correu com medo,
pois comigo aqui não tem segredo

e não aceito macho nenhum me roubar.
Se o coronel não quiser acreditar,
a questão será com meu marido Alfredo.

- Aliás, ele já está vindo por aí
trazendo todos os seus meeiros;
eles são, inclusive, até ligeiros.
Olha lá! Já estão chegando ali.
- Mas se acalme, dona Marli
diga-me logo o que aconteceu!
Pois se o noteiro Aparecido correu
alguma coisa de errado ele fez.
Seu marido é um grande freguês
e a senhora tem todo o apoio meu.

- Ainda bem que meu pai logo chegou
e com aquela sua fina educação
resolveu de uma vez toda a questão.
Depois, para sua casa ele voltou
um bom saldo de dinheiro ele pegou
e ficou ali já todo satisfeito;
como era um homem justo e direito,
o dinheiro logo ele dividiu,
os meeiros deram viva ao Brasil
e tomaram cachaça o dia inteiro.

- Minha mãe me contou uma história
e agora eu também quero contar.
Prestem atenção, ouçam o que vou falar
sobre nossas vidas e nossa memória,
nossa luta, nosso amor, nossa vitória.
Neste chão de sangue de seringueiros,
foram eles nossos heróis, nossos guerreiros
que conseguiram amando e guerreando
deixar o nosso solo acreano uma
pátria amada de todos os brasileiros.

- Meu pai foi defender nosso torrão
como tantos, à procura de liberdade;
defender o Acre, a nossa felicidade,
defender este canto abençoado da Nação.
Defender a vida, o processo da extração,
defender nossa bandeira e a nossa soberania.
Tombar no chão, sem rancor, sem covardia
enfrentando fome, miséria, penitência,
brigar proclamando a independência
para sonhar com o Acre nosso de cada dia.

- O seu sangue derramou-se pelo chão
em 1º de setembro de mil novecentos e dois;
minha mãe ficou sabendo logo depois
e ali chorou de muita tristeza e emoção.
Uma flecha feriu meu pai no coração
quando ele tinha vinte e dois anos de idade;
no igarapé Baía, foi grande a infelicidade
e minha mãe só pedia: Ó Deus, salvai!
Mas muito jovem, despediu-se do meu pai,
atormentada pela dor de uma saudade.

- Indígenas e compatriotas bolivianos
assassinaram mais um herói brasileiro,
mas o sangue patriótico do seringueiro
à Bolívia trouxe muitos desenganos.
Os seringueiros traçaram novos planos
e a guerra fulminantemente prosseguiu.
Meu jovem pai, infelizmente não viu,
no ano seguinte, a vitória acontecer;
ele lutou e morreu sem poder ver
o nosso Acre, anexado ao Brasil.

- É preciso analisar nossa vitória,
nossas lutas, nossos direitos e valores.
É preciso diferenciar alguns escritores

que criaram heróis com muita glória.
É preciso analisar nossa história
revendo os mitos do Acre oficial.
É preciso acreditar, afinal,
que este sangue não cheira a dominação;
o nosso sangue cheira a fumaça do buião
que construiu o nosso Acre real.

- Com sete anos, órfão de pai na terra,
fiquei ao lado de minha mãe no seringal;
solidário, como tantos outros, afinal,
pois os homens estavam todos na guerra.
No ano seguinte, quando ela se encerra,
o seringueiro honrosamente vencia
com sua força, coragem e valentia.
Muitos desses foram ali enterrados,
a floresta deixou a todos guardados
e a seringueira com seu amor protegia.

- Para concluir este meu pronunciamento,
com a vitória de oitenta e um anos de idade,
desejo a todos muita felicidade,
e a você Wilssão, meu sincero agradecimento.
Combata esse terrível desmatamento;
nunca desista, nunca tema, nunca se afaste.
Se for preciso, faça com garra o empate;
pela união dos nossos irmãos seringueiros,
juntos enfrentem todos esses grileiros
que de longe vieram fazer o desmate.

O meu avô quando acabou de falar,
eu chorei e fiquei muito comovido;
por todos ele foi ali aplaudido e,
em seguida eu fui lá lhe abraçar.
Ele me disse: Barnabé, vá estudar,
você precisa um dia nos defender.

Veja seu pai, como vive a sofrer:
corta seringa, colhe castanha, cupuaçu,
açaí, palmito, pupunha, babaçu,
e tudo isso para o estudo te oferecer.

- Você guarde também na memória,
com muita humildade e amor,
a valentia do seu grande bisavô, que
em nossa terra construiu esta história.
Meu Pai Alfredo nos deu a eterna glória
e morreu lutando como guerreiro,
grande soldado, grande líder seringueiro
que deu sua honra para nossa dignidade;
que deu seu sangue pela nossa liberdade
e deu sua vida para o Acre ser brasileiro.

Vô Francisco sorriu, apertou minha mão
abaixou-se, depois pegou sua sacola;
olhou para mim, falou de novo na escola,
partindo depois em cima de um caminhão.
Junto dele estava o meu pai João
e foram todos de volta para o seringal.
Em Brasileia, eu fiquei com o tio Val
irmão de mãe e que muito me ajudava;
porém preocupado, eu sempre continuava
temendo a ele acontecer algum mal.

No outro dia, eu fui para a escola estudar
e me choquei com a fala da professora;
ela falava igualmente uma ditadora
e dizia que não gostava de badernar:
- Esses seringueiros não têm o que reclamar
ficam aí no sindicato protestando,
fazendo arruaças, acusando, brigando,
vadiando pelas calçadas e ruas.
Essas terras nunca que serão suas,

pois meus parentes já a estão titulando.

Naquele exato momento eu percebi
o ódio que ela sentia dos seringueiros;
os seus parentes eram todos grileiros
que vieram nossas matas destruir.
Ela me olhava procurando me atingir
pois tinha me visto no sindicato outro dia.
Eu fiquei triste com tamanha covardia
pois a escola eu amava e acreditava.
Saí da sala magoado, triste, com raiva
e revoltado, com a professora, nesse dia.

Indignado, saí dali com a certeza
que para a escola nunca mais voltaria.
Fui para casa e logo depois partiria
com destino à minha mãe Natureza,
revendo, no seringal, sua intensa beleza.
Nossa fauna, nossa flora, nossa gente
o habitat de um povo heroico e valente
que defendia com amor o seringal;
ali vivíamos todo mundo sempre igual
trabalhando e vivendo humildemente.

No seringal achei todo mundo contente,
quando cheguei foi uma grande alegria.
No meu lugar, lá de tudo eu conhecia
daquele chão eu guardava em minha mente
o igarapé, o varadouro, a vertente,
a estopa, o sarugo, a raspadeira,
o corte, o cavaco, a faca, a bandeira,
oito, pernas, manga e espigão,
poronga, cabrita, péla, buião
e o látex da Mãe Seringueira.

Falei com Vô Chico e com meu pai João

e expliquei tudo o que aconteceu.
A minha mãe também logo me entendeu
e disseram que iam falar com Wilssão.
Depois do encontro recebi nova missão
com apoio católico e sindical
entregaram-me uma caixa de material
e ali disseram que eu iria ser professor.
A partir dali eu seria o condutor
da primeira escola do seringal.

Sem possuir ao menos o colegial
enfrentei desafios dignamente.
As crianças abraçavam sorridente
animando nosso palco florestal.
Ia começar o ABC no seringal
brotando ali, suas primeiras lições.
Eu percebia nos pequenos corações
a esperança de novos dias vindouros;
muitos ali enfrentavam varadouros
e ressurgiam de várias colocações.

Percebi que aquelas humilhações
que recebi daquela tal professora
transformou-se numa ação libertadora
que acabaria com outras lamentações.
A partir dali respeitavam-se as emoções
e os sonhos de vidas tão inocentes.
Vida sofrida, mas vidas inteligentes,
vidas libertas, que ganharam um ensino;
vidas abertas que exibiam seu hino,
vidas futuras e de preciosas mentes.

Aquelas crianças queriam conhecer;
aquelas crianças aprendiam como ninguém.
Aquelas crianças, elas iriam mais além,
aquelas crianças era um livro do saber.

Aquelas crianças iriam mais tarde vencer,
aquelas crianças queriam um espaço feliz.
Aquelas crianças construíram uma diretriz;
aquelas crianças desafiaram a própria mente;
aquelas crianças venceriam humildemente;
aquelas crianças governariam o país.

Ao novo ofício me dediquei com pudor
e a cada dia via a escola progredir;
escola humilde, com formato de tapiri,
que para nós tinha um enorme valor.
Em adjunto foi construída com amor,
de forma simples, ao redor da meninada,
com paxiúba foi fechada e assoalhada,
sem deixar na parede nenhum buraco,
a cobertura toda feita de cavaco,
protegendo as crianças da chuvarada.

Já estou com dezoito anos de idade,
bem dedicados ao cargo de professor.
Meu avô era o meu orientador
dele herdando o dom, a capacidade.
Mostrava-me a dura realidade
vivida por seringueiros acreanos;
o nosso Acre de vitórias e desenganos
que maltrata e nos condena à opressão.
Meu avô denuncia a pecuarização
ao completar seus oitenta e três anos.

Ele me olha com a face comovida
e me fala de um grande acontecimento.
Ele me disse, com seu célebre pensamento
que este ano a luta seria aguerrida,
a vitória virá, mas será sofrida,
disse ele em sua vã filosofia...
E disse, ainda, que virá um novo dia

para mim, para ele, para meus pais,
para o sindicato dos trabalhadores rurais
e para todos que parte deles fazia.

Em mil novecentos e setenta e sete
em meio ao povo humilde e pacato
um grande líder assume o sindicato,
que para sua vida seria um grande teste.
Em Brasileia, aquela gente se veste
de esperança e justiça social,
fortalecendo na vida o ideal
em defesa do valente seringueiro.
O sindicato elege Wilson Pinheiro,
um eterno defensor do seringal.

Neste mesmo ano acontece
vários ataques contra seringueiros
e a arrogância insana de fazendeiros
assassina nossa gente que padece.
O sindicato rapidamente esclarece:
não aceita ver seu povo massacrado,
e por Wilson Pinheiro orientado
conscientiza nossa gente a se defender.
Nesse histórico ano vai acontecer
o empate do Seringal Sacado.

O Seringal Sacado é abraçado
por mulheres, homens e crianças,
pessoas que não perderam as esperanças
de construir um torrão abençoado.
Não queríamos ser um povo injustiçado,
nem deixar o seringal ser destruído;
nosso povo saiu fortalecido
resistindo bravamente à invasão.
Nem que o sangue derramasse pelo chão,
o nosso peito não se daria por vencido.

Enterramos do opressor a hipocrisia
resistimos ao horror da perversidade;
combatemos com fé a brutalidade,
derrotamos a ganância e a covardia.
Sepultamos o selo da autocracia
enfrentamos do mal, sua fortaleza;
destruímos o ódio com firmeza
e encaramos o jugo dos dominantes.
Construímos o empate dos mais brilhantes
evitando o massacre da natureza.

Insistimos em manter sua beleza
com garra, luta, coragem e amor;
insistimos em ouvir o seu clamor.
Sem ódio, sem rancor e sem fraqueza
insistimos em defender sua grandeza
com respeito, carinho e liberdade.
Insistimos em procurar felicidade
sem choro, sem lamentos, sem cansar;
insistimos para sempre te preservar
com trabalho, fé e sustentabilidade.

Estamos em mil novecentos e oitenta
e meu avô está com oitenta e cinco anos.
Ele conta ao sindicato seus planos
pois da luta ele jamais se ausenta.
Meu destemido avô lamenta
outra possível devastação.
Desta vez seria numa região,
Olho D'água, por eles assim chamada;
esta área sofreria uma derrubada
que mataria sua rica vegetação.

Em segredo, mais de dez mil hectares
seriam fatalmente destruídos.
Os dominantes já estavam convencidos

que o seringal sumiria pelos ares
tal como Canudos, Cabanada e Palmares,
que padeceram sob grande carnificina.
Os seringueiros impediram outra chacina,
desta feita, defendendo o seringal,
evitando um genocídio ambiental
abençoados pela fé da luz divina.

Entre as cidades de Brasileia e Xapuri
a área do conflito estava localizada.
Nossa gente, muito bem organizada,
não deixou a burguesia invadir;
bravamente pudemos resistir sob o
comando do líder Wilson Pinheiro.
Valentemente, o nosso herói seringueiro
apesar do sofrimento e desgaste
conseguiu realizar o empate e
preservar um seringal brasileiro.

A iminente vitória dos seringueiros
frente ao poder político e econômico
soava como um desastre atômico
na mente do grupo de fazendeiros
que humilhava a cultura dos posseiros
por viverem entre bichos, pássaros e vegetais.
Não sabia eles que nossos valores morais
deste povo do qual também faço parte
não surgiram apenas no empate,
mas também nas origens dos seringais.

Temendo a união do povo seringueiro
os grileiros apostaram na violência;
matar era a mais comum experiência
praticada neste solo brasileiro.
O ódio contra Wilson Pinheiro
aumentava também a cada dia,

mas pouca gente acreditaria
que nosso líder fosse alvo tão desejado
ao ponto de se tornar assassinado
num ato de cruel selvageria.

Em julho de mil novecentos e oitenta
na macabra noite do dia vinte e um
o mal vencia o bem comum
numa cena covarde e violenta.
Nossa gente, em agonia, lamenta
a dor de um triste assassinato
de um homem simples, pacato
nosso herói, nosso líder e seringueiro.
Mataram Wilson de Souza Pinheiro
na sede do nosso sindicato.

A notícia rapidamente se espalhou
pela cidade, por vários seringais
e em diversos segmentos sociais
a sua morte tristemente lamentou.
Meu pobre avô se ajoelhou e chorou
por entre o pranto dos nossos pobres plebeus.
Vi suas lágrimas correrem dos olhos seus
se misturando com a dor do seringal,
eu vi meu povo sem justiça social,
desiludido, pedindo justiça a Deus.

A família, de luto, aumenta sua dor
aos 23 de julho de mil novecentos e oitenta,
quando revoltado todo nosso povo lamenta.
A triste hora do enterro já chegou,
às onze da manhã, sob gritos de clamor,
os seringueiros carregando o seu caixão,
no cemitério uma cova funda no chão
vai receber um herói injustiçado.
O povo clama e chora revoltado

se despedindo do companheiro Wilssão.

Vô Francisco coloca a mão no coração
e fala ao povo na hora da despedida:
- Companheiros, mexeram em nossa ferida,
querem eles roubar o nosso pão;
mataram nosso líder, nosso irmão.
Eles mataram o nosso herói verdadeiro
mataram um autêntico guerreiro,
mas não mataram o grito de liberdade,
não mataram jamais a nossa saudade,
nem calarão a temida voz do seringueiro.

- O seu corpo foi feito prisioneiro,
o seu grito viverá no seringal;
a sua matéria foi destruída pelo mal,
o seu espírito será o nosso luzeiro.
O seu peito foi alvo de pistoleiro,
a sua vida, uma lição de valores,
o seu enterro palco de muitas dores.
A sua mente, o germinar de uma semente,
o seu discurso foi calado covardemente,
e a sua luta honrará os trabalhadores.

- Wilssão, deixa-me em dor te dizer:
como meu pai, tu lutaste neste chão,
como meu pai tu defendeu este torrão,
como meu pai tu morreu a nos defender.
Wilssão, o seringal não irá morrer,
o seringal será uma pátria de verdade;
o seringal lutará com humildade
proclamando a justiça social.
O seringal será o teu seringal,
de liberdade, igualdade e fraternidade.

Meu avô, cansado, levanta a cabeça

respira nitidamente magoado,
olha seu povo, sente-se encorajado,
pede a Deus que sua gente não padeça,
me olha dizendo-me que não esmoreça.
A terra cobre, no caixão, a triste imagem
a Wilssão deseja uma boa viagem
dizendo: - vai, seringueiro valente!
Ele reza e ali deixa humildemente
a sua bela e última mensagem:

- Vós sois homens em liberdade?
Não serão enquanto forem excluídos.
Vós sois homens de direitos garantidos?
Não serão enquanto durar a perversidade.
Vós sois homens que vivem em igualdade?
Não serão enquanto durar a dominação.
Vós sois homens reconhecidos da Nação?
Não serão enquanto forem objetos.
Vós sois homens, então, analfabetos?
Pois serão se não combaterem a opressão.

Nitidamente abatido e comovido
o meu avô se despede e vai embora.
Aquela dor cada vez mais lhe devora;
seu velho peito está batendo ferido,
e nosso povo, magoado e entristecido
acompanha-lhe em ritmo de procissão;
ele me abraçando, segura na minha mão
e sai andando, no cemitério, lentamente;
lacrimoso ele canta com a gente
a liberdade vivida numa canção:

- Alumia, poronga, alumia,
alumia a floresta brasileira.
Alumia, poronga, alumia,
alumia a nossa Mãe Seringueira.

- Alumia, poronga, alumia,
alumia antes que você esqueça.
Alumia com tua luz minha cabeça
e dê a ela o raiar de um novo
dia. Alumia, poronga, a alegria,
alumia a nossa felicidade.
Alumia poronga, a liberdade,
alumia minha vida e meu saber.
Alumia, poronga, o meu viver
e anuncia uma nova realidade.

- Alumia, poronga, alumia,
alumia a floresta brasileira. Alumia,
poronga, alumia, alumia
a nossa Mãe Seringueira.

- Alumia, poronga, a esperança,
alumia o despertar da minha mente.
Planta em mim uma viçosa semente
e deixa a luz penetrar como herança.
Eu sei, poronga, que você nunca se cansa
de alumiar meu querido seringal.
Sei que sofres com o poder do capital
que só maltrata nossa busca pelo pão.
Vê se apaga, poronga, a exploração
e alumia minha luta contra o mal.

- Alumia, poronga, alumia,
alumia a floresta brasileira.
Alumia, poronga, alumia,
alumia a nossa Mãe Seringueira.

- Alumia, poronga, alumia,
alumia meu reino extrativista.
Vê se apaga a invasão neofascista
pois só assim o meu povo acordaria.

Nossa gente ninguém mais dominaria,
nosso meio não será mais miserável.
Nossa floresta renascerá sustentável,
vivendo livre da cruel devastação.
Alumia, poronga, essa nossa união
e um crescimento de valor justo e rentável.

- Alumia, poronga, alumia,
alumia a floresta brasileira.
Alumia, poronga, alumia,
alumia a nossa Mãe Seringueira.

- Alumia, poronga, alumia,
alumia do posseiro a consciência.
Alumia nossa sobrevivência
e o Acre nosso de cada dia.
Alivia a minha dor e anuncia
a anistia da nossa libertação.
Repudia, poronga, a escravidão,
alumia nosso povo todo ano.
Alumia, poronga, o solo acreano,
alumia, poronga, essa escuridão.

- Alumia, poronga, alumia,
alumia a floresta brasileira.
Alumia, poronga, alumia,
alumia a nossa Mãe Seringueira.

Nós cantamos a canção, depois partimos
e retornamos ao nosso cotidiano.
Nossas mentes naquele trágico ano
serão marcadas por tudo quanto sentimos,
pois apesar da dor, nós ainda resistimos
e retomamos nossa luta pela vida.
O seringal era a única guarida,
que bondoso o pão nunca nos negou,

desde Alfredo, meu heroico bisavô,
a nossa luta nunca foi enfraquecida.

OS BRASIVIANOS DO RIO MAMU

A presente tese é resultado
de uma vivência natural poetizante
às margens de um rio estetizante
que pelo homem se tornou divinizado.
O rio Mamu é aqui analisado
na fronteira ontológica do humano
onde o homem em seu cotidiano
construiu seu lugar e seu viver,
incorporando na essência de seu ser
a identidade de seringueiro brasiviano.

Na axiologia inefável da poética
de valores extraídos do viver
instigamos na temática do pertencer
a peculiar excelência da estética.
Nos caminhos dinâmicos da dialética
o seringal é tomado por sentimento,
o rio permite o entranhamento
e o espaço de ação é construído;
o lugar tornou-se o espaço vivido
e o seringueiro, o ser do pertencimento.

O rio Mamu é o recorte espacial
de uma Pan-Amazônia, também boliviana;
na pesquisa, a coletividade brasiviana
construiu sua identidade cultural.
Os seringueiros entraram no seringal
numa migração histórica e secular,
mas uma trágica violência paramilitar
resultou no estudo desta temática,
se tornando a principal problemática
que culminou na destruição do lugar.

Nos capítulos aqui mencionados

no conjunto da coletânea poética
retratamos em sua dimensão ética
a forma como foram entrelaçados.
Os poemas no texto selecionados
representam uma vasta simbologia,
os fazeres que o homem vivencia
no contexto de sua espacialidade,
como valores de uma coletividade
investigados à luz da fenomenologia.

A coletânea poética foi extraída
da minha tese de doutorado,
onde a cada capítulo iniciado
uma síntese poética foi construída.
A pesquisa estudou os modos de vida
e a essência ontológica do ser.
A singularidade do ato de pertencer
foi o cerne de estudo da coletividade;
uma viagem no espaço e na temporalidade
imbricados na fenomenologia do viver.

No capítulo que trata sobre a vivência
o ser é imediatamente um valor;
Bachelard[1] na poética nos instigou
sobre o pensamento e a experiência.
Para o autor, a casa afasta contingência
por ser o primeiro mundo do ser humano.
Assim como o tapiri para o brasiviano
é a alma do seu pertencimento,
o tapiri é o axioma do sentimento
que o seringueiro produz no cotidiano.

No capítulo sobre a fenomenologia
procuramos entender os brasivianos,
que entre sonhos e desenganos
construíram o seu dia a dia.

Heidegger em sua ontologia[2]
remete à essencialidade
e na hermenêutica da faticidade
busca a apreensão das vivências,
onde o ente munido de experiências
adquire a sua originalidade.

Neste capítulo versamos a metodologia
no estudo da pesquisa participante,
onde o pesquisado é sujeito atuante
na prática da própria teoria[3].
A produção adquire autonomia[4]
na realidade da vida cotidiana[5].
A fronteira brasileiro-boliviana
é fronteira natural da humanidade[6],
é o espaço vivido em liberdade
no pertencer da coletividade brasiviana.

Heidegger[7] busca em sua interpretação
a presença pela temporalidade;
é preciso instigar com alteridade
o fenômeno da apropriação.
O ente em sua apreensão
vai construindo a essência do ser,
internalizando assim o pertencer
da presença em seu tempo de vida[8].
Desta forma, a verdade[9] será construída
na adequação do ato de conhecer.

A vivência desta forma nos guia
ao ser em seu estado original,
é o ser compreendido como tal[10].
Dardel[11] nos mostra uma geografia
que o homem na terra vivencia;
A inserção do homem no lugar,
uma terra que o acolherá

e que estabilizará sua existência;
a terra é do homem por excelência
onde o ser poderá se assentar.

No capítulo sobre a origem da identidade
rebuscamos o sertão nordestino;
o trabalhador traz à luz de seu destino
o despertar de uma nova realidade.
Nesta socioespacialidade
o sertanejo se tornará seringueiro,
extrator, ribeirinho e castanheiro,
que romperá pelas águas a fronteira,
na Bolívia buscando a seringueira,
mas o seringueiro não será só brasileiro.

A identidade originária do sertão
passou por uma ardilosa marcha;
Secreto[12] diz que o soldado da borracha
foi uma vítima histórica da migração.
A Amazônia é o novo espaço de ação
onde a identidade foi no tempo consolidada.
Séculos depois ela tornou-se ameaçada
em consequência da geopolítica estatal;
a crise da identidade como nos mostra Hall[13]
é descentrada, deslocada e fragmentada.

Sobre os modos de vida, a poética
é uma viagem simbólica do imaginário
onde o mundo real identitário
é entrelaçado à beleza de sua estética.
Na mais interminável da dialética
Bachelard[14] mostra a estética do ser,
os sonhos, o abrigo, o pertencer
em toda sua originalidade e pensamento;
Loureiro[15], por fim, alerta para o desapossamento
que pode causar ameaça ao bem viver.

No capítulo da poética, os marcadores,
os modos de vida perdem a alma do ético;
milicianos utilizam seu poder bélico
para destruir da vida seus valores.
São marcadores estruturadores[16]
que provocou o extermínio de lugares,
fragmentando-se constructos peculiares
de toda uma coletividade,
um patriotismo que impôs a hostilidade
no silêncio desmedido de Morales.

No capítulo sobre a perda da identidade
os brasivianos são desterritorializados;
seus modos de vida são esfacelados
marcando o fim da marca da alteridade.
O destino da coletividade
é migrar para incerto assentamento.
A identidade sofreu drástico apagamento
com a perda singular de seus lugares;
os modos de vida perderam seus pilares
dando adeus ao fator pertencimento.

A fenomenologia das imagens
é da tese seu último capítulo;
as singularidades preenchem este título
passando ao leitor novas mensagens.
As figuras instigam em suas paisagens
o sentido imaculado do pertencer,
buscando entender na essência do ser
os ribeirinhos em seu cotidiano:
entender a alma do brasiviano
na poética fenomenológica do viver.

NOTAS

1. A poética do espaço. A casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz. (Heidegger, 1989, p. 26).

2. Ontologia (Hermenêutica da faticidade). Como consequência, tudo se baseia na apreensão de tais vivências, na apreensão da consciên- cia de algo. Tal é a primeira tarefa da fenomenologia (Heidegger, 2013, p. 78).

3. Pesquisa participante. Saber pensar e intervir juntos. Nada faz tão bem à teoria como sua prática, e vice-versa. A prática, por estar exposta a todas as fragilidades históricas, não deixa de ser importante, assim como a teoria, pode ser construção abstrata, não é inu- tilidade vazia (Demo, 2004, p. 81).

4. Enquanto cresce a autonomia do ser humano com base na produ- ção e uso inteligente de conhecimento e aprendizagem, esta prerro- gativa continua elitista ao extremo (Demo, 2004, p. 129).

5. Pesquisa participante. O saber da partilha. Deve-se partir da rea- lidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes indivi- duais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e inte- rações. (Brandão; Streck, 2006, p. 41).

6. Fronteira – a degradação do outro nos confins do humano. A fron- teira é a fronteira da humanidade (Martins, 2009, p. 141).

7. Ser e tempo. Parte I. A interpretação da presença pela temporali- dade e a explicação do tempo como horizonte transcendental da questão do ser (Heidegger, 2002, p. 71).

8. Ser e tempo. Parte II. Primordialmente, porém, a expressão cotidia- nidade indica um determinado modo de existência que domina a presença em seu tempo de vida (Heidegger, 2002, p. 173).

9. Marcas do caminho. A verdade é a adequação da coisa com o conhecimento. Mas pode se entender também assim: A verdade é a adequação do conhecimento com a coisa (Heidegger, 2008, p. 192).

10. Os problemas fundamentais da fenomenologia. O ser e a diferença do ser em relação ao ente só podem ser fixados se conseguirmos controlar a compreensão de ser enquanto tal (Heidegger, 2012, p. 330).

11. O homem e a terra – Natureza da realidade geográfica. É necessá- ria uma base para assentar o ser e realizar nossas possibilidades, um aqui de onde se descobre o mundo, um lá para onde nós iremos. (...) É a terra que, podemos dizer, estabiliza a existência (Dardel, 2015, p. 41, 43).

12. Soldados da borracha – trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas. No balanço entre ruptura e continuidade, pode- mos pensar a batalha da borracha como um triunfo da segunda. Continuidade da força da tradição, dos aviadores, do endivida- mento, da violência e do privatismo por sobre a ruptura represen- tada pela presença do Estado, da modernidade encarnada no serviço público de saúde, na legislação trabalhista, na assistência às famílias (Secreto, 2007, p. 119).

13. A identidade cultural na pós-modernidade. A assim chamada “crise da identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (Hall, 2015, p. 9).

14. A poética do espaço. Em suma, na mais das dialéticas, o ser abri- gado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa em sua reali- dade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos (Bachelard, 1989, p. 25).

15. Cultura amazônica – uma poética do imaginário. Uma das caracte- rísticas desse modelo capitalista na Amazônia (...). É um modelo que leva, ao lado do desapossamento do homem, a uma ação desnatura- dora da paisagem e seu entorno cultural (Loureiro, 2001, p. 403).

16. Territorialidades, identidades e marcadores territoriais Kawahib da terra indígena Uru-eu-Wau-Wau em Rondônia. Consideramos marcadores estruturadores aqueles que são impostos pelo Estado, instituições governamentais, instituições religiosas, organizações não-governamentais ou manifestações espontâneas de indivíduos da sociedade envolvente (Almeida Silva, 2015, p. 107).

VIVÊNCIA BRASIVIANA

Martins[1] mostra que a fronteira
é processo dialético do humano,
é a dinâmica do espaço cotidianoe
suas travessias sem barreira.
Esta mobilidade seringueira
retrata a territorialidade,
aspectos de uma multiplicidade
que às vezes se torna subestimada;
a fronteira não deve ser negligenciada
ocultando a voz da coletividade.

O discurso da estereotipia
atrelou-se ao populismo;
a política da pátria e do civismo
enrijeceu sua hegemonia.
O coletivo do Mamu assistia
seu lugar tornar-se esmaecido;
o seringal ruiu despossuído
vítima da maior segregação;
o Estado sancionou a desconstrução
dos valores de um espaço vivido.

Ofuscados num acordo bilateral
o coletivo tornou-se asfixiado;
o ente foi assim minimizado
no seu mundo material e imaterial.
Na pesquisa socioespacial
constatamos a dor da coletividade;
extinguiu-se o valor da alteridade
e os princípios axiológicos da ética,
estagnando o dinamismo da dialética
e o constructo inefável da identidade.

NOTA

1 Fronteira: A degradação do outro nos confins do humano. MARTINS, José de Souza. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

OS CAMINHOS BRASIVIANOS

Na axiologia inefável da poética
de valores extraídos do viver
instigamos na temática do pertencer
a peculiar excelência da estética.
Nos caminhos dinâmicos da dialética
o seringal é tomado por sentimento,
o rio permite o entranhamento
e o espaço de ação é construído;
o lugar tornou-se o espaço vivido
e o seringueiro, o ser do pertencimento.

O rio Mamu é o recorte espacial
da vasta Amazônia boliviana;
na pesquisa, a coletividade brasiviana
construiu sua identidade cultural.
Os seringueiros entraram no seringal
numa migração histórica e secular
mas uma trágica violência paramilitar
resultou no estudo desta temática,
se tornando a principal problemática
que culminou na destruição do lugar.

Os modos de vida representados
no imaginário social da poética
revela em sua dimensão ética
a forma como foram entrelaçados.
Os saberes e fazeres imbricados
representam uma vasta simbologia;
são fatores que o homem vivencia
no contexto de sua espacialidade,
são valores de uma coletividade
investigados à luz da fenomenologia.

Através do método da fenomenologia

procuramos entender os brasivianos
que entre sonhos e desenganos
construíram, na vida, seu dia a dia.
Heidegger em sua ontologia[1]
remete à essencialidade
e na hermenêutica da faticidade
busca a apreensão das vivências,
onde o ente munido de experiências
adquire a sua originalidade.

A tese traz em sua metodologia
o estudo da pesquisa participante,
em que o pesquisado é sujeito atuante
na prática da própria teoria[2].
A produção adquire autonomia[3]
na realidade da vida cotidiana[4].
A fronteira brasileira-boliviana
é fronteira natural da humanidade[5]
é o espaço vivido em liberdade
no pertencer da coletividade brasiviana.

A marca de um encontro poetizante
de águas amazônicas divinizadas,
de águas escuras e águas amareladas
faz surgir um cenário exuberante.
Num estado de alma devaneante
o seringueiro medita no batelão,
no silêncio de sua imaginação,
sentindo o espírito da natureza,
vendo nos rios sua inefável grandeza
incorporado de peculiar cosmovisão.

O Abunã e o Mamu vivem entrelaçados
sem nenhuma balbúrdia ou barreira;
suas águas ensinam que na fronteira
os laços não podem ser desatados.

Os homens não devem ser postergados
nem humilhados na sua liberdade,
tolerância, brandura e sensibilidade;
são esteios que iluminam o ser;
as águas ensinam que o bem viver
deve ser a alma da coletividade.

No devaneio dos fenômenos naturais
o ribeirinho busca empoderamento
e no seu singular pertencimento
sobrevive aos fenômenos sociais.
Seus modos de vida transcendentais
são constructos de alteridades humanas
e as simbólicas águas bolivianas
não desgrudam das águas brasileiras,
nos mostrando que na alma das fronteiras
essas águas se tornaram brasivianas.

O fenômeno do ser da existência
no lugar de atores sociais
são valores socioespaciais
imbricados no cerne de sua essência.
Pertencer é impregnar-se de vivência
no espaço e nas temporalidades
é incorporar as subjetividades
vividas de significação;
e o sentido dessa investigação
é entrelaçar-se às coletividades.

Na hermenêutica da faticidade
Heidegger[6] busca a essência do ser;
é necessário estar e pertencer
no conjunto de sua objetualidade.
Viver e apreender a coletividade
constitui peculiar heterotopia;
o caminho proposto é viver a ontologia

sem a fatídica rotina do desconhecimento,
pois apreender a consciência do pertencimento
é a primeira tarefa da fenomenologia.

O espaço de ação é produto da vivência
uma forma de apego ao lugar;
nela o vivente pode sonhar
e meditar sobre a sua existência.
O lugar é o devaneio em excelência
espaço de sua imaginação;
esta sua representação
é indissolúvel ao ato de pertencer;
é incorporar o ente em seu ser
como valor ontológico de apropriação.

A pesquisa se tornará esterilizada
se o ente também não for um sujeito;
o resultado se tornará sem efeito
e a prática ruirá silenciada.
A pesquisa precisa estar ancorada
numa hermenêutica participante,
ser parte do coletivo estetizante
e do espaço vivido do imaginário
apropriado do valor identitário
sem discurso estigmatizante.

A coletividade é por excelência
um espaço onde brota o simbólico,
um viver enleado ao mitológico
e a alma do ser em transcendência.
Pesquisar é doar-se à vivência
e descobrir-se como ente no seu ser.
A representação íntima do viver
é a vivência e sua significância
é a essência desta substância
extraída da pureza do pertencer.

Investigar um estado de invisibilidade
é fazer uma conexão transcendental
analisar uma temática categorial
mediante uma gama de complexidade.
É tirar o coletivo da neutralidade
e do olhar positivista da ciência;
é valorizar o conceito de vivência
como marca de sua apropriação;
é apreender o ser em sua imaginação
e incorporar os valores dessa existência.

Narrar um coletivo e sua significância
é preciso conhecê-lo em sua essência,
participar do seu legado de experiência
e conduzir o seu ser com relevância.
O sujeito carece de pregnância
ao ato ontológico do viver.
Pesquisar é antes de tudo pertencer
e conhecer os valores da temática
desta forma se conhece a problemática
e se consegue a incompletude do ser.

No contexto ontológico de lugar
é preciso que conheçamos o ente;
conhecê-lo não ocasionalmente
pois é fruto do fazer, vivenciar.
Somente o ser poderá se emancipar
mediante o seu pertencimento;
sem isso, haverá o apagamento
de pesquisado e de pesquisador;
os sujeitos perderão o seu valor
e a pesquisa se tornará fragmento.

A pesquisa não se faz enclausurada
abdicando, da vida, seus valores;
a coletividade é o espaço de atores

que não pode ser estigmatizada.
A vivência quando estereotipada
perde a sua originalidade,
renuncia ao brilho da alteridade
e ofusca os sujeitos e a ética;
asfixia o poder da dialética
e desconhece, do ser, sua identidade.

Ser participante não é apenas estar,
Demo[7] alerta para o eurocentrismo,
evitar o tradicional positivismo
é dinamizar o ato de investigar.
Pesquisar, intervir e transformar
evitando conhecer com superioridade
os pesquisados-atores da coletividade
e, portanto, sujeitos da investigação.
Não há pertencer sem apropriação
e não há ética sem que haja alteridade.

NOTAS

1. Ontologia (Hermenêutica da faticidade). Como consequência, tudo baseia-se na apreensão de tais vivências, na apreensão da consciên- cia de algo. Tal é a primeira tarefa da fenomenologia (Heidegger, 2013, p. 78).

2. Pesquisa participante. Saber pensar e intervir juntos. Nada faz tão bem à teoria como sua prática, e vice-versa. A prática, por estar exposta a todas as fragilidades históricas, não deixa de ser impor- tante, assim como a teoria, pode ser construção abstrata, não é inu- tilidade vazia (Demo, 2004, p. 81).

3. Enquanto cresce a autonomia do ser humano com base na produ- ção e uso inteligente de conhecimento e aprendizagem, esta prerro- gativa continua elitista ao extremo (Demo, 2004, p. 129).

4. Pesquisa participante. O saber da partilha. Deve-se partir da rea- lidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes indivi- duais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e inte- rações (Brandão; Streck, 2006, p. 41).

5. Fronteira – a degradação do outro nos confins do humano. A fron- teira é a fronteira da humanidade (Martins, 2009, p. 141).

6. Ontologia (Hermenêutica da facticidade). HEIDEGGER, Martin. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

7. Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos. DEMO, Pedro. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

A IDENTIDADE BRASIVIANA E O HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO DOS SERINGAIS BRASILEIROS E BOLIVIANOS

Nas cactáceas da caatinga do sertão
o camponês se apodera da chibanca[1],
uma raiz de macambira[2] ele arranca
para tirar da terra o seu pão.
As feridas que sangram na sua mão
são as marcas de um sertanejo valente;
o útero da terra receberá a semente
mas o rebento morrerá sem germinar.
A alma da terra se despede do lugar
no migrar de mais um sobrevivente.

O sertanejo carrega o pertencimento
no trajeto de sua longa marcha
e no ser do soldado da borracha
há uma cisão no seu enraizamento.
O tempo apagará o sentimento
do cambito[3], da ancoreta[4] e do caçuá[5].
Um novo espaço irá metamorfosear
os modos de vida do sertão;
haverá uma nova apropriação
nas temporalidades de um novo lugar.

A mulher do sertão foi silenciada
às duras privações de um acampamento;
a separação foi o caos do sentimento
de quem ficou duramente hostilizada.
Do direito de amar foi alijada
lhe restando uma carta a escrever,
nucleada[6] na cidade foi viver
à espera do esposo e companheiro.
Não se tem notícias do seringueiro
que na mata procurou sobreviver.

O cartaz de Chabloz[7] foi a imagem
que pregnou-se na memória do sertão;
a linguagem munida de persuasão
foi recebida como salvadora mensagem.
Como mola propulsora da viagem
o cartaz a família desterrou;
o soldado desarmado foi quem migrou
para lutar na batalha da borracha;
ele morre sem bomba, sem bala, sem marcha
e o Estado ainda diz que foi a mata que o matou.

O soldado agora é seringueiro
sem título, sem farda, sem ilusão;
a propaganda mentirosa do sertão
foi apagada sob à luz do candeeiro[8].
Seringueiro, ribeirinho, castanheiro
construindo uma nova identidade
nesta sua cotidianidade
viaja de contínuo em sua heterotopia,
uma transcendental simbologia
como espaço de sua alteridade.

A casa de taipa[9] envelhecida
é a memória que ficou lá no sertão;
o pertencer sobrevive na migração
e num cenário "épico" de despedida.
O tapiri[10] fará a sua acolhida
num trato de originalidade;
a floresta em sua autenticidade
herdará um espaço construído
e o tempo impregnado do vivido
mostrará sua mais nova identidade.

Na Amazônia, o soldado da borracha
apropriado de civismo e patriotismo
se convenceu de que o seu "heroísmo"

se transformaria numa gloriosa marcha.
Essas vidas tiveram uma forte baixa
por onde a migração se estendeu;
os dados mostram o que aconteceu
com os trabalhadores recrutados.
Secreto[11] diz que entre 50 mil soldados
a metade morreu ou desapareceu.

Na Amazônia do espaço seringueiro
não há faixas, nem divisas, nem barreiras;
a Amazônia é o humano das fronteiras,
dos coletivos do seu torrão primeiro.
O seringueiro difere-se do grileiro,
pois não sente o ego capitalista,
não importa em ser nacionalista
que imponha barreiras à nação.
Fronteira é a transfiguração
do ser de um ente humanista.

O lugar de suas peculiaridades
é um valor original identitário,
um espaço imbricado no imaginário
e em todas as suas subjetividades.
O seringueiro imbrica-se no espaço de ação
construindo na sua imaginação
a sua identidade de lugar;
uma vivência simbólico-peculiar
de sua imaculada representação.

A territorialidade seringueira
apropria-se da visão cosmopolita;
seu espaço de ação possibilita
refletir sobre a noção de fronteira.
O seringueiro deixa a terra brasileira
para viver na floresta boliviana;
a intervenção ontológica humana

é constructo de sua espacialidade;
a coletividade tem uma nova identidade,
a identidade agora é brasiviana.

Heidegger[12] diz que a marca da identidade
constitui um traço do ser do ente,
um traço que se configura na mente
com toda sua alteridade.
Hall[13] nos diz que a modernidade
provoca na identidade transformação;
o sujeito passa por descentração
na dialética do seu dia a dia,
numa influência da modernidade tardia,
uma modernidade também em transformação.

Entranhado à sua colocação
o seringueiro mantinha-se isolado,
pelo patrão era sempre vigiado
para manter o controle da produção.
Silva[14] diz que na relação com o barracão
havia rígido controle social;
o seringalista mantinha no seringal
o controle hierárquico da mão de obra,
e se utilizava de toda e qualquer manobra
para manter o domínio do capital.

Na fronteira da territorialidade
os brasivianos construíram seu lugar;
nas águas do Mamu foram navegar
lapidados pela temporalidade.
No ser desta coletividade
não havia pátria nacional;
a alma brasiviana era cultural
seu lugar era de pertencimento;
a floresta era de entranhamento
e o imaginário, ele era transcendental.

Dardel[15] fala das ligações existenciais
que o homem mantém com a terra;
um imbricamento que nunca se encerra
em suas configurações mentais.
Suas relações socioespaciais
que identifica a totalidade do ser,
a presença se transforma em pertencer
na geograficidade da terra com o lugar;
o espaço se abre além do olhar
onde o homem constrói seus modos de viver.

NOTAS

1. Instrumento constituído de uma lâmina, de um lado, e uma ponta semelhante à da picareta, de outro. Muito utilizado antigamente no sertão da Região Nordeste para arrancar tocos de árvores, neces- sários para preparo da terra destinado ao plantio.

2. É uma planta popular na Região do sertão do Nordeste brasileiro. Da família das Bromeliáceas, é muito utilizada como alimento, principalmente nos períodos das secas, tanto para as pessoas, como para os animais.

3. É um tipo de forquilha de madeira feito em forma de “V”. Geralmente se procura na mata um galho de madeira que se encontra em forma de “V”. É utilizado de forma dupla, colocando-se dois de cada lado do animal, onde por exemplo, se pendura o caçuá.

4. Barril utilizado para transportar água no sertão do Nordeste. Geral- mente se utilizava dois barris no lombo do animal, um de cada lado, pendurado em cambitos. Inicialmente era feito de madeira, com o tempo se passou a utilizar de borracha.

5. Cesto grande feito de bambu, cipó ou vime. É usado no transporte de alimentos, e utilizado pendurado em cambitos nos lombos dos animais de carga. Utiliza-se dois caçuás, um de cada lado do animal.

6. As mulheres nucleadas dos soldados da borracha que optaram de acordo com o que foi estabelecido no contrato em ficar recebendo assistência do SEMTA, juntamente com os filhos, até a chegada do trabalhador ao seringal. Daí a denominação de mulheres nucleadas. O núcleo ficava localizado em Fortaleza, denominado núcleo de Porangabussu.

7. O pintor suíço Jean Pierre Chabloz, que emigrou para o Rio de Janeiro em 1940, foi o encarregado de realizar parte da propa- ganda oficial do SEMTA (Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para Amazonas). Depois de uma permanência de quase três anos no Rio, fixou residência em Fortaleza após o con- vite de George Rabinovitch para trabalhar no serviço de desenho da campanha da borracha. Como responsável pela propaganda grá- fica, realizou diferentes tipos de material: folhetos, cartazes, caracterizou os caminhões em que eram transportados os soldados, fez os braceletes de identificação que levavam os trabalhadores etc. Trabalhou principalmente com duas técnicas: desenho e colagem com fotografias.

8. Armação de pequeno porte, feita de flandre, onde se armazena combustível. No seu orifício superior é colocado um pavio de algo- dão, que ao acender, produz uma peculiar luminosidade. No sertão nordestino era bastante utilizado devido à falta de energia elétrica, principalmente nas regiões do semiárido. O candeeiro foi bastante utilizado nos seringais amazônicos. O seringueiro colocava-o numa armação de flandre maior, denominada poronga, e saia pela madru- gada para fazer o corte de seringa. A luminosidade servia tanto para iluminar a estrada de seringa, como também para fazer o corte e embutir as tigelinhas na seringueira.

9. Casa construída de paredes de barro amassado para preencher os espaços vazios entre as armaduras feitas de varas amarradas com cipós.

10. Casa do seringueiro. Pequena barraca coberta de palha. As pare- des e o assoalho eram feitos de uma palmeira regional denominada Paxiúba. Existia na colocação, o lugar do seringueiro, outro tipo de tapiri, este era de menor proporção, construído próximo à casa do seringueiro, e destinado ao processo de defumação da borracha para ser transformado numa espécie de bola, ou péla, uma denomi- nação dada pelo seringueiro.

11. As estatísticas da morte nunca são muito precisas, mas podem nos dar uma ideia da magnitude da tragédia humana. De aproximada- mente 50 mil soldados da borracha – entre trabalhadores e depen- dentes – que foram para a Amazônia entre 1943 e 1944, estima-se que quase a metade morreu ou desapareceu. (SECRETO, Maria Verônica. Soldados da borracha: Trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007, p. 37).

12. A unidade da identidade constitui um traço fundamental no seio do ser do ente. (HEIDEGGER, Martin. Que é isto a filosofia? Identidade e diferença. 3. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971, p. 52).

13. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais (...) essa perda de um sentido de si estável é chamada, algu- mas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito (...) somos compelidos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada (HALL, Stuart. A identidade cultural na pós--modernidade. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 10).

14. Ao deixar os seringueiros isolados em suas colocações, o seringalista tinha o controle de toda a mão de obra, pois eles eram vigiados pelos gerentes do seringal e muitas vezes até pelo vizinho da colocação. O seringueiro só podia vender o produto no barracão e só comprava as mercadorias de que necessitava também nele, estabelecendo-se com essa prática, formas rígidas de controle social dos homens e do espaço. (SILVA, Maria das Graças S. N. O espaço ribeirinho. 1. ed. São Paulo: Terceira margem Editora Didática Ltda., 2000, p. 72).

15. Ele coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações exis- tenciais com a terra, ou, se preferirmos, sua geograficidade original: a terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. A paisagem não é um círculo fechado, mas um desdobramento. Ela não é verdadeiramente geográfica a não ser pelo fundo, real ou imaginário, que o espaço abre além do olhar. (DARDEL, Eric. O homem e a terra; natureza da realidade geográfica. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 31).

OS MODOS DE VIDA BRASIVIANOS: A POÉTICA E OS MARCADORES TERRITORIAIS

Os devaneios poéticos dos seringais
são valores de seres divinizados;
no imaginário estão imortalizados
em espíritos de forças transcendentais.
São ações materiais e imateriais
que se refletem no seu espaço de ação.
O seringal é um constructo da imaginação
na poética estetizante do simbólico,
na crendice deste poder mitológico
e na grandeza desta vasta dimensão.

A floresta inefável é vida poetizante,
o poder mítico organiza seu espaço,
terra e homens vivem um só entrelaço
em um cenário ético contagiante.
Neste vivido mundo exuberante
o seringueiro é um ente peculiar.
Sonhar, recriar e vivenciar
são aspectos de sua florestania
e na essência deste ser de cada dia
vai surgindo o sentido de lugar.

No imbricar das espacialidades
o seringal se torna um pertencer,
vai preenchendo o ente em seu ser
mediante as reciprocidades.
A floresta e suas heterogeneidades
no espaço e tempo é modificada.
A cosmogonia pelo ente é contemplada
alimentando-o do mais puro sentimento;
o seringueiro assimila o pertencimento
nos devaneios da poética divinizada.

Nos devaneios poéticos da imaginação
o ente constrói sua simbologia
realiza-se na plural cosmogonia
e no espaço de sua representação.
No conteúdo de sua percepção
apreende os códigos da vivência
assimila o legado da experiência
construindo o ato de pertencer;
desta forma vai alimentando o ser
na interminável conquista de sua essência.

O rio dadivoso e estetizante
possui uma divinizada mitologia;
na vastidão de sua cosmologia
o rio corta a floresta exuberante.
O mito simbólico-divinizante
é constructo de infinita imaterialidade.
O seringueiro em sua originalidade
é parte indissociável do imaginário;
o brasiviano é um ente identitário,
protagonista de sua coletividade.

O Caboclinho e a Mãe da Seringueira
o seringueiro no ser pode sentir;
o menino Boto, o bicho Mapinguari
e a Mãe d'Água, que é marco da fronteira.
Para o Velho da Canoa não existe barreira
ele navega na água espiritual.
O brasiviano em sua alma cultural
enriquece a gnose coletiva
e a linguagem mítica de sua narrativa
é a essência do ser transcendental.

A poética dos povos tradicionais
é uma presentificação fascinante;
o espaço poético-divinizante

é o lugar de tempos imemoriais.
São configurações mentais
que codificam o valor da existência,
organizando o espaço de vivência
em sua simbólica significância.
Mito e lugar convivem na pregnância
do pertencimento por excelência.

O imaginário é, do lugar, uma virtude,
mito e lugar é um pertencer inevitável;
este encontro deixa o espaço inefável
e o ente conviver na inquietude.
O ser é o signo da incompletude,
a busca inesgotável do conhecimento
o espaço sem o ente é apagamento
e o seu imbricar produz significações.
No lugar brotam as representações
e as peculiaridades do pertencimento.

A imagem poética em Bachelard[1]
possui seu próprio dinamismo,
não é ato do reducionismo
nem algo para estigmatizar.
Bachelard diz que deseja trabalhar
na temática da ontologia,
e na sua fenomenologia
aprofunda-se na alma poética
mostrando toda beleza da estética
na inserção de peculiar simbologia.

A poética não foge à causalidade
nem é alheia à estética da criação;
é ontológica em sua significação
e ao ato da comunicabilidade.
A poética é o ser na realidade
uma imagem simbólico-transcendente

que se enraíza no ser, imediatamente,
no singular lugar do pertencer.
A imagem poética brota no viver
da consciência pura do ser, do ente.

Bachelard nos instiga a refletir
na fenomenologia da imaginação,
um produto intrínseco da percepção
onde a alma do ser pode sentir.
A imagem poética é o luzir
que emerge da própria consciência;
é a pureza do ser em sua essência,
um desdobramento do pensamento;
a origem imaculada do sentimento
encontrada nas temporalidades da vivência.

A alma é uma palavra imortal
assim diz Gaston Bachelard,
microscópica e também elementar
como fenômeno do ser transcendental.
A alma vai além do espiritual
e quando narrada poeticamente
ela viaja entrelaçada intimamente
como o mais peculiar tema.
A alma responde por todo um poema
e surge no ser divinamente.

A água para o seringueiro é vivência,
é a sua vida em comunhão;
para Bachelard[2], a água é um embrião
que mora em transcendência.
No seringal, a água é sobrevivência,
é nela que brota o imaginável;
a água é alho indissociável
do modo de vida brasiviano.
Para Bachelard, a água no espaço mundano

dá à vida um impulso inesgotável.

Quando se fala de poética estetizante
Loureiro[3] narra a poética do coletivo,
a essência do ser imaginativo
e a sua natureza exuberante.
O cosmogônico torna-se divinizante,
é o devaneio do imaginário em liberdade;
a poética voa em sua originalidade
feita por meio da simbologia;
são estéticas configuradas na mitologia,
uma cultura com toda sua alteridade.

Mas, o imaginário poético estetizante
do lugar do seringueiro brasiviano
sofreu com o ódio desumano
uma ação externa aviltante.
O cenário outrora exuberante
esmaeceu e entrou em extinção.
O lugar transformou-se em segregação
asfixiando toda uma simbologia,
a milícia matou a mitologia
e o Estado envergonhou a nação.

O brasiviano construiu sua identidade
imbricado em sua imaginação;
a presentificação e a representação
perderam a alma da alteridade.
O simbólico despediu-se da coletividade
e o seringueiro ficou órfão do seu ser;
sem o ente não existe o pertencer
e o espaço agora não faz sentido;
não é mais o espaço do vivido,
nele agora não existe mais o viver.

O imaginário é uma marca do seu ser,

que ilumina a sua incompletude;
os valores tornar-se-iam virtude
na inquietude do ato de pertencer.
Os seus modos de saber e de fazer
se entrelaçam no seu espaço de ação.
Na estrada de seringa faz a extração
que alimenta a família do seu tapiri[4];
nas veias abertas ele pode sentir
que o leite que corre tornou-se seu pão.

A poronga ilumina o seu caminhar,
a natureza lhe diz que já é madrugada:
levantou, se vestiu, pegou a estrada,
a seringa leitosa começou a cortar.
Sua Mãe é quem diz para ela sangrar,
não se pode cortar de outra maneira.
É preciso respeito ao fazer a bandeira
para que a seringa não venha a sofrer;
o seringueiro não quer depois receber
o castigo cruel da Mãe da Seringueira.

Os cavacos acendem o fogo do buião
e o mistério da fumaça logo se revela;
a família defuma, com zelo, a péla
no exaustivo trabalho da defumação.
O seringueiro deixa a sua colocação
e procura uma espera segura e alta,
precisa de carne que já está em falta,
mas a carne não pode jamais estragar,
porque senão ele pode um dia levar
uma surra viril do Caboclinho da Mata.

O estudo dos marcadores territoriais
ultrapassa a fronteira do humano;
o lugar do seringueiro brasiviano
tem seus modos de vida tradicionais.

A floresta pandina e seus seringais
é uma paisagem natural exuberante;
o seringueiro a deixou estetizante
no constructo do seu espaço de ação;
ele fez no lugar de sua colocação[5]
um singular marcador estruturante.

O seringueiro é um exímio extrator
de sua inefável florestania;
é o espaço onde ele a cada dia
se tornou o seu principal ator.
Na estrada de seringa é o condutor
de seus singulares marcadores;
os ribeirinhos são sujeitos construtores
do espaço material e imaterial,
da Amazônia singular e plural,
que constitui um emaranhado de valores.

O seringueiro conhece o lugar
da autêntica mata brasiviana;
à noite com um facho de umburana[6]
seus caminhos ele pode iluminar.
Traz a caça para se alimentar
e nas costas pendura o jamaxi[7]
colocando nele um cacho de bacuri[8]
e retornando para casa satisfeito.
Com chibé[9] alivia o velho peito
enquanto arruma o cabo da raspadeira[10];
de madrugada vai cortar a seringueira
levando os passos da vida do seu jeito.

O seringueiro carrega seu alimento
mesmo em cima das madeiras do mutá[11];
as coisas que marcam o seu lugar
são as marcas do seu pertencimento.
A floresta lhe oferece atendimento

do peixe que vem do cacuri[12],
das palmeiras de jarina[13] ao buriti[14];
das caças com jaticá[15] ou espingarda,
das frutas de uxi[16] que ele guarda
e das bebidas de patuá[17], bacaba[18] e açaí.

O seringueiro é ator do espaço real
e navega meditando na ubá[19];
às margens do rio colhe taperebá[20]
e à noite ouve o canto da urutau[21].
Enquanto escuta seu canto transcendental
uma jacuba[22] tira a fome que ele tinha;
a mulher quando é de manhãzinha
se aloja na sombra da sapoema[23],
para comer arabu[24] tem arupema[25]
para peneirar sua dadivosa farinha.

O conjunto dos marcadores territoriais
marca a vida do seringueiro brasiviano;
no estudo sobre o território africano
Henriques[26] mostra seus valores tradicionais.
Ela investiga os tempos imemoriais
da peculiar organização das sociedades,
mostra os caminhos de suas comunidades
em contraste a seu desmantelamento;
foram símbolos espirituais de pertencimento
sendo vítimas das desagregações sociais.

Almeida Silva[27] investiga os marcadores
nas coletividades indígenas da Amazônia
mostrando em etnias originárias de Rondônia
os marcadores estruturantes e estruturadores.
Os coletivos indígenas e seus valores
também são vítimas da sociedade envolvente,
mostrando que o Estado continua negligente
em desfavor das coletividades originárias;

essas marcas legítimas identitárias
vivem segregadas num preconceito doente.

NOTAS

1. Para esclarecer filosoficamente o problema da imagem poética, é preciso chegar a uma fenomenologia da imaginação. Esta seria um estudo do fenômeno da imagem poética quando a imagem emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua atualidade. (BACHELARD, Gaston. A poé- tica do espaço. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 2 [1957]).

2. Uma gota de água poderosa basta para criar um mundo e para dis- solver a noite. Para sonhar o poder, necessita-se apenas de uma gota imaginada em profundidade. A água assim dinamizada é um embrião; dá à vida um impulso inesgotável (BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 10 [1957]).

3. Fala-se de um conjunto de relações culturais com o mundo, reguladas pelo poético que emana do devaneio do imaginário em liberdade e cuja mediação é feita por meio das simbolizações estéticas configu- radas na mitologia, na arte, na visualidade amazônicas. (LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura amazônica: uma poética do imaginário. ed. São Paulo: Escrituras, 2001, p. 88).

4. Casa rústica de seringueiro, feita de paxiúba e coberta com folhas de palmeira (Ranzi, 2017, p. 93).

5. Trecho de seringal, constando de barraca e algumas estradas de seringa. Cada seringueiro trabalha, corta, em geral, em três estradas, para o corte da colha (Ranzi, 2017, p. 35).

6. Imburana. Emburana ou umburana. Árvore semelhante ao imbu- zeiro. Sua madeira é muito usada para fazer um facho, ou seja, para os seringueiros andarem à noite (Ranzi, 2017, p. 55).

7. Jamaxi. S. Jamaxim, com desnasalação. Cesto grande que é amarrado às costas e serve para o seringueiro transportar alimentos, objetos de uso pessoal; Cesta feita de cipó, boa de carregar borracha ou qualquer outra bagagem. Não é redondo, nem quadrado, é meio comprido e tem o fundo achatado no jeito de um lombo de um homem, que leva a jamaxi nos costados, amarrado com duas arrestas, que são umas correias de borracha ou de pano grosso cruzadas pelo peito (Ranzi, 2017, p. 57).

8. Fruto comestível do bacurizeiro, de cor amarelada e ácido. É muito usado no preparo de doces (Ranzi, p. 19).

9. Pirão feito com água, farinha de mandioca, açúcar ou mel, e às vezes, temperado com cachaça.

10. Instrumento com que o seringueiro raspa a seringueira. Com a ras- padeira o seringueiro raspa a árvores, preparando o local do corte de seringa para extração do látex. Já o corte exige outro instrumento, a lâmina. “Cabrita” (Ranzi, 2017, p. 85, 86).

11. Andaime tosco que o seringueiro faz no tronco da seringueira para subir, cortar mais no alto, preparar a bandeira para o corte e colher o látex. Na rara possibilidade de um seringueiro tornar-se milionário, dir-se-á que ele chegou no alto do Mutá (Ranzi, 2017, p. 70).

12. Cerca que se constrói nos igarapés para cercar os peixes; quando entram no cacuri, não podem mais retornar. Armadilha para os pei- xes. Uma das formas da pescaria (Ranzi, 2017, p. 28).

13. Palmeira. Produz palmito de boa qualidade. Com a casca do coco fabricam-se colares e bijuterias; a polpa se come com farinha. Dizem os seringueiros: “Se uma cobra morder o miolo da palha da jarina, com certeza irá morrer. Tirar o talo duro e jogá-lo na cobra para ela morder é fatal (Ranzi, 2017, p. 58).

14. Palmeira imponente e vistosa, com grande ramagem. Os cachos são alongados, e dos frutos produz-se o leite de buriti, de cor amarelo-es- curo, quase vermelho, toma-se como suco; de largo uso na fabricação de picolés e sorvetes. Buriti. (Ranzi, 2017, p. 26).

15. Bico do arpão para ferrar casco da tartaruga ou tracajá (Ranzi, 2017, p. 58).

16. Uxi (Endopleura uxi (huber) cuatrec. A planta mede de 25 a 30 metros de altura. É uma deliciosa fruta muito apreciada pelo seringueiro.

17. Patoá. Palmeira cujos frutos se preparam com o açaí. Sua cor é mar- rom claro. Come-se como o açaí, inclusive misturado com farinha (Ranzi, 2017, p. 76).

18. Oenocarpus bacaba mart. Pode atingir até 20 metros de altura. Muito parecido com o açaí. Usa-se da mesma forma na culinária seringueira como o açaí.

19. Canoa primitiva que era usada pelos ribeirinhos dos rios da região. É feita de árvores e de uma só peça de madeira, tendo muita dificuldade de virar (rolar até pelo seu estilo arredondado. É cavada no tronco de uma árvore; usa-se colocar no fogo para alargar o casco (Ranzi, 2017, p. 101).

20. Árvore da família das *anacardiáceas poupartia amazônica*. O fruto tem cor amarela e possui forma arredondada, de sabro ácido. Usa-se para prepara refrescos, sucos, sorvetes e picolés. Cajá. Umbu (Ranzi, 2017, p. 93).

21. Jurutau. Ave noturna de rapina, mãe-de-lua. Seu canto melancólico é muito estranho. Urutau, ou mãe-da-lua, está rodeado por supers- tições, espavorindo a gente do campo, personalizando fantasmas e viagens pavorosas (Ranzi, 2017, p. 102).

22. Comida pobre: água, farinha de mandioca e açúcar ou sal. (Ranzi, 2017, p. 57).

23. Grandes raízes que afloram nas bordas dos troncos. É muito comum no pé da samaúma. Serve de esconderijo e até para passar uma chuva ou mesmo um pernoite. Sacupema, sapopemba (Ranzi, 2017, p. 89).

24. Mistura de ovo cru batido em neve, com gema e tudo, mais farinha e açúcar gramixó. É um dos acompanhamentos mais nobres da cozi- nha nativa da floresta, servido com caça ou peixe. Na necessidade, come-se puro. O arabu mais apreciado era feito com ovo de tracajá e tartaruga, mas hoje a consciência ecológica e o rigor da lei aconse- lham que se façam mesmo com ovo de galinha, mas galinha caipira. O arabu também é conhecido na Região do Juruá por mujangué ou mujanguê (Ranzi, 2017, p. 15).

25. Peneira feita de taquara e cipó. Corruptela de arupemba (Ranzi, 2017, p. 17).

26. HENRIQUES, Isabel Castro. **A materialidade do simbólico**: marca- dores territoriais, marcadores identitários angolanos (1880-1950). Território e identidade: o desmantelamento da terra africana e a construção da Angola colonial (1872-1926). Professora do Departamento de História da Universidade de Lisboa.

27. ALMEIDA SILVA, Adnilson de. Territorialidades, identidades e marcadores territoriais Kawahib da Terra Indígena Uru-Eu-Wau- Wau. 1. ed. São Paulo: Paco Editorial, 2015.

A ECLOSÃO DO CONFLITO NO RIO MAMU E A IDENTIDADE BRASIVIANA AMEAÇADA

O Estado comandou ostensivamente
a destruição de autênticos modos de vida;
a coletividade foi desonrada e ferida
e tratada depreciativamente.
Os atores foram vítimas de hostilidade,
cerceou-se a briosa cotidianidade;
de apátridas seringueiros brasivianos
o Estado mascarou-se em milicianos
para destruir uma peculiar identidade.

A geopolítica de Estado na fronteira
apagou a luz do imaginário;
um populismo frio e reacionário
impôs à alteridade uma barreira.
A fronteira virou marcha guerrilheira[1]
e a vida brasiviana foi arruinada;
a família foi do lugar escorraçada
condenada à hostil segregação;
os modos de vida sofreu desconstrução
e a identidade foi assim fragmentada.

Evo Morales projetou na nação
fortalecer a revolta campesina;
a reforma agrária pandina
deixou rastros de destruição.
Os seringais tiveram desagregação,
uma ameaça à coletividade humana.
A violação foi truculenta e desumana
condenando toda uma simbologia
esfacelada, morreu a cosmogonia
dando adeus à poética brasiviana.

Mas a escola surge como condutora
de uma ação justa e solidária,
reagindo à empáfia reacionária
desumana e ameaçadora.
A escola agora é libertadora
na luta por sua alteridade;
é preciso alcançar a multiplicidade
a serviço das pessoas excluídas,
a serviço das pessoas oprimidas
que McLaren[2] delega a liberdade.

Promover a paz e o bem viver
em defesa dos valores do lugar
é sentir e poder vivenciar
a angústia que asfixia o ser.
Desta forma, a escola fez acender
uma luz no raiar de um novo dia,
criando na fronteira uma metodologia
que atendesse à dor da coletividade;
a escola transformou uma realidade
com o Projeto Ética e Cidadania.

NOTAS

1. A palavra designa o comportamento truculento utilizado pelos campesinos pró Evo Morales que invadiram os seringais habitados secularmente pelos seringueiros brasivianos, considerados remanescentes dos seringueiros brasileiros. Os campesinos apoderados de armamentos pesados, ameaçaram e expulsaram os brasivianos. A forma utilizada por estes, nos proporcionou a denominá-los de grupos paramilitares ou milicianos, visto que estas não são caracte- rísticas próprias de campesinos, que se utilizam de ferramentas de trabalho vinculadas ao cultivo da terra.

2. Isso significa alistar nossas pedagogias a serviço das pessoas pobres, despossuídas e oprimidas (...). As educadoras necessitam de uma visão do futuro que esteja mais abertamente habitada por um com- promisso com a liberdade (MCLAREN, Peter. Multiculturalismo crí- tico. 1999, p. 52).

OS IMPACTOS DA PERDA DA IDENTIDADE E A DESTERRITORIALIZAÇÃO DOS BRASIVIANOS

A gênese de uma nova identidade
que brotou na caatinga do sertão
atravessou uma histórica migração
para viver noutra espacialidade.
No constructo desta temporalidade
a Amazônia lhe entregou os seringais,
imagens simbólico-transcendentais
imbricou-se a novos modos de vida,
uma vida fragmentada e destruída
no engodo de geopolíticas nacionais.

O brasiviano foi assim hostilizado
e escorraçado de seu mais autêntico lugar;
o Estado precisou se mascarar
por ter um coletivo arruinado.
Um olhar violento institucionalizado
fez a alma perder sua alteridade,
matou-se uma secular identidade
assassinando do ente, o seu ser,
esfacelando a cultura do bem viver
e o singular imaginário da coletividade.

É preciso que adotemos a heterotopia
e o olhar não se torne neofascista;
a mentalidade obscurantista
ainda vive distante da ontologia;
o ser não sobrevive sem autonomia
num estado fútil de invisibilidade;
o ódio é a usurpação da identidade
que provoca no ente a violência,
retirando do ser sua benevolência,
eliminando toda sua eticidade.

Os modos de vida foram desconstruídos,
os seringueiros não são mais brasivianos;
as ações de campesinos-milicianos
os tornaram, no ser, despossuídos.
Os seringais pelos mitos foram esquecidos
e os seringueiros noutro espaço viverão.
Em decorrência da horripilante expulsão
os ribeirinhos se tornaram novos atores;
eles agora são pequenos produtores
em consequência da desterritorialização.

Na fronteira de um falso patriotismo
o Estado desconheceu um imaginário;
destruiu um histórico cenário
na geopolítica militar do civismo.
Sob a égide imoral do populismo
esfacelou lugares tradicionais,
exterminou diferenças socioculturais
ignorando suas multiplicidades,
desagregou exímias coletividades
e autênticos marcadores territoriais.

Os marcadores territoriais brasivianos
se tornaram visivelmente esfacelados;
os seringueiros se tornaram minimizados
por atos profundamente desumanos.
O violento poder bélico de milicianos
desconstruiu lugares tradicionais;
modos de vida histórico-culturais
foram extintos com sua identidade.
Evo silenciou-se à dor da coletividade
permitindo a morte da vida dos seringais.

Os seringueiros brasivianos
foram desterritorializados;
no Ser tornaram-se minimizados

entre promessas e desenganos.
Atos profundamente desumanos
destruíram históricos modos de vida;
o lugar ruiu na despedida
em estado de invisibilidade;
exterminou-se uma autêntica identidade
de uma vida que será reconstruída.

A FENOMENOLOGIA DAS IMAGENS

A paisagem como fenômeno do vivido
traz aqui um conceito abrangente;
não pode ser pensado isoladamente
como algo estático e sem sentido.
O espaço está aqui comprometido
com a ação da vida cotidiana,
com a intervenção da atividade humana
que faz gerar lugar e identidade;
a paisagem dá sentido à peculiaridade
da singular coletividade brasiviana.

As imagens estão interconectadas
com os modos de vida dos seringais,
onde as marcas dos povos tradicionais
estão intimamente entrelaçadas.
As marcas estão naturalmente imbricadas
no contexto da fenomenologia;
as imagens trazem toda uma simbologia
impregnadas aos valores da existência,
são valores que dão sentido à vivência
e à riqueza de toda sua ontologia.

O seringueiro traz, no ser, a apreensão
de uma secular experiência;
é no Ser que se aloja a essência
no constructo do espaço de ação.
Nesta singular apropriação
o brasiviano criou sua identidade;
as imagens trazem a originalidade
dos aspectos ontológicos do lugar,
demonstrando um modo de vida peculiar
originado numa vasta temporalidade.

As imagens são constructo e desconstrução

dos modos de vida de um lugar,
que sob uma intervenção paramilitar
provocou uma desterritorialização.
Um percurso histórico de migração
que outrora tornou-se consolidado
foi visivelmente silenciado
pelo ego de um estado nacionalista;
um discurso geopolítico-populista
que deixou um coletivo esfacelado.

As imagens dão sentido à significação
e a toda gama de sua complexidade;
os valores históricos de uma coletividade
foram vítimas no próprio espaço de ação.
Ruiu a vida e toda sua representação
de uma cultura material e imaterial;
a geopolítica de um estado nacional
desconheceu seus coletivos tradicionais
e uma simbologia de tempos imemoriais
asfixiou-se no seu mundo transcendental.

Na hermenêutica ontológica do viver
o brasiviano perde a alma do lugar,
no rio Mamu ele não pode mais morar.
Sentindo que agora poderia lhe perder,
o brasiviano foi procurar sobreviver
noutra terra, noutra vida, noutro chão.
O brasiviano tem agora outra missão:
vai construir seus novos modos de vida;
no assentamento terá uma nova guarida
e o rio Mamu ficou em sua imaginação.

Quando se torna necessário pontuar algumas questões para se esclarecer pontos, pontuações...

Abel Sidney Miguel Nenevé

Poesia tem acentuada vocação estética, mas nãosó. É possível por meio de textos poéticos filosofar, ensinar, panfletar, cantar, tecer loas, expressar indignação, debater temas simples ou complexos.

O veículo do texto poético, quando não a prosa poética, são os poemas em verso.

Verso, bem sabemos, é cada linha do poema; um conjunto de versos é o que chamamos de estrofe. Logo, versoe estrofe, tradicionalmente, compõem uma das faces deste gênero textual, a poesia (estudada, cantada, mas por vezespouco entendida).

Outras faces complementam verso e estrofe: métrica, rima e ritmo.

Importa destacar, para o objetivo desta nossa conversa, que além de proporcionar musicalidade a um poema, as rimas também fazem a **marcação da leitura**. Os diversos tipos de rima e suas características quanto à fonética, acentuação, posição no verso e na estrofe ampliam as possibilidades de se romper, quando necessário, com as regras tradicionais, como que possibilitando o predomínio doconteúdo e sua expressão em contraposição a meras formalidades, quaisquer que sejam.

Métrica, do mesmo modo, pode e deve servir ao poema e sua expressividade. Por isso, a flexibilidade na sua utilização mais que bem-vinda, é necessária. Muito depende da vocação de cada poeta, porém. Para Robert Frost, o poeta americano famoso por cantar a natureza, "escrever poemasem métrica é como jogar tênis sem rede", visão totalmente contraposta por seu contemporâneo Ezra Pound. Os dois poetas acabaram se desentendendo por causa de suas concepções, distintas, sobre a criação poética.

A própria concepção de estética é muito questionada. Para o queniano Ngugi Wa Thiong'o, a estética não pode estar separada do contexto em que o poeta vive, assim como uma flor bonita não está separada dos ramos de umaárvore, que por sua vez está plantada em algum lugar na terra. Para o argentino Walter Mignolo, a palavra estética tem que voltar ao seu significado original, dos gregos,quando a estética tinha a ver com o sentir, não podendo ser

desconectada do seu tempo e lugar. Para Mignolo, estética, de *aesthesis*, não pode ser algo "neutro", não pode ser sentido sem uma conexão com o mundo circundante.

É de conhecimento do leitor que há quase um século as estruturas fixas (sonetos, baladas, rondós, haicais e outras) não mais determinam como os poemas devem se vestir para se expressarem.

Na alfaiataria que o movimento modernista trouxe, modos de compor e experimentar conferiram maior liberdade, o que se traduziu em novas combinações para os figurinos poéticos.

Assim, modos novos de versejar permitem aos poetas transitar, sem medo, entre as formas tradicionais e as abordagens contemporâneas em que a artesania da escrita poética permite fazer misturas harmônicas e/ou dissonantes sem risco de se causar má impressão ou parecer transgressão.

Marquelino Santana ao ser desafiado pelo seu orientador Josué Costa, no doutorado em Geografia, transformou discussões filosóficas em **poesia**. Por conta de sua afinidade com a terra natal – é cearense – e com a prática de versejar já desenvolvida, escolheu o modo nordestino de compor e cantar, como nos repentes, mas os moldou adequadamente em razão das dificuldades que teve que enfrentar: transformar um texto acadêmico em poemas.

Talvez para um poeta cearense a escrita e o estilo acadêmico não haveria muito sentido se não fosse ao mesmo tempo versejado, possibilitando que se atingisse também a comunidade de leitores de Extrema e seu entorno amazônico, comunidade que vive longe da academia. Na realidade, é muito elogiável a postura do autor de querer aproximar seu texto de pesquisa da comunidade em que vive. Um acadêmico muitas vezes se pergunta: quantos lerão meu trabalho? Quantos leitores eu atingirei além daqueles que compõem a banca examinadora? Esta é uma preocupação visível de Marquelino.

Acostumado a versejar para falar coisas do cotidiano, bem como para homenagear seu povo e sua origem, ele decidiu que sua pesquisa poderia ser colocada em versos. Temos, por exemplo, uma introdução como esta: "A presente tese é resultado/ de uma vivência natural poetizante/ às margens de um rio estetizante/ que pelo homem se tornou divinizado./ O rio Mamu aqui é analisado/ na fronteira ontológica do humano/ onde o homem em seu cotidiano/construiu um lugar em seu viver,/ incorporando na essência de seu ser/ a identidade do seringueiro brasiviano".

O leitor, de imediato, pode perceber que há uma fidelidade do autor

em relação ao conteúdo da tese, como há uma atenção para que a rima seja mantida. Isso pode eventualmente influenciar na sonoridade (ou não sonoridade) do texto. O próprio poeta Prêmio Nobel de Literatura, Bob Dylan, já foi criticado por, muitas vezes, exagerar na busca da rima, em instâncias como esta: "*We don't need any back seat drivers/ Hypocrites, meddlers or cheap connivers/ Both of us are survivors/ Don't be confused, you'll only be used*". Francisco Marquelino, na sua intenção de atingir uma comunidade de leitores maiores, justamente a comunidade que é objeto de sua pesquisa, trouxe um texto em rimas, que nem sempre são de fácil sonoridade. Portanto, respeitando sua intenção é que pensamos em manter o conteúdo acadêmico, mas aproximá-lo mais da poesia, facilitando, quiçá a fluência na leitura do texto.

Em razão disso, a nossa condição de editor (com o apoio do nosso consultor) forçou-nos a seguir na mesma trilha: nos amoldar, com as ferramentas que tínhamos em mãos, à proposta do autor, que é **conversar cantando** com os seus leitores/ouvintes.

Para tanto, lançamos mão da **pontuação**, a começar pelas maiúsculas e minúsculas e, seguindo adiante, trabalhar em cada contexto próprio, as pausas possibilitadas por vírgulas, pontos e vírgulas e pontos finais.

A pontuação, tal como aqui definida e utilizada em cada poema, permitiu driblar as limitações da métrica, preservar a expressividade do conteúdo e o ritmo por meio das rimas.

Bechara (2012, p. 80-81) ensina sobre o emprego das iniciais maiúsculas, que deve vir "No começo do período, verso ou citação direta". Numa observação logo a seguir, porém, ele nos lembra o uso "à espanhola, **a minúscula no princípio de cada verso**, quando a pontuação o permite". (grifo nosso)

Tomando o ensinamento de Dahlet (2006): "partindo do princípio que a maiúscula é pontuação porque cria um jogo diferencial quando entra em oposição com a minúscula", ousamos nos utilizar da possibilidade da diferenciação, noutro contexto e objetivo, para criar **segmentos** ou **blocos de conteúdo** que precisaram ser **expressos poeticamente**, mas sem obedecer a rígidos padrões de métrica, rima ou outros elementos.

Daí que o modo espanhol de colocar os versos em minúscula foi utilizado com muita frequência, somado a outras manobras de pontuação, para que o leitor possa perceber a **segmentação**, os blocos de conteúdo expressos poeticamente, em várias partes de uma estrofe.

Um exemplo visual poderá esclarecer melhor o que vimos apontando:

Bachelard nos instiga a refletir
na fenomenologia da imaginação, um produto intrínseco da percepção
onde a alma do ser pode sentir.
A imagem poética é o luzir
que emerge da própria consciência;é a pureza do ser em sua essência,
um desdobramento do pensamento;a origem imaculada do sentimento
encontrada nas temporalidades da vivência.

Não se trata aqui de trazer inovações, mas de nos utilizarmos do que nos proporcionou a prática poética neste último século, no Brasil, e que se estampa nas obras canônicas ou de cunho popular, fornecendo-nos ferramentas úteis – para escritores e editores.

Esperamos que os rearranjos estéticos introduzidos nesta obra e nos demais livros da série (*Poemas da vida amazônica*) permitam não somente uma leitura o mais possível fluida dos versos, mas também incite os leitores à declamação em viva voz, prática que precisa ser recuperada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA SILVA. Territorialidades, identidades e marcadores territoriais kawaib da terra indígena Uru – Eu – Wau – Wau, em Rondônia. 1. ed. São Paulo: Paco Editorial, 2015.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BACHELARD, Gaston. A poética dos devaneios. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BACHELARD, Gaston. A terra e os devaneios da vontade. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. Ensaios sobre o conceito de cultura. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BLACHE, Paul Vidal de La. Da interpretação geográfica das pai- sagens (1908). Neuviéme International de Géographie. Compte rendu dês travaux Du Congrés, Genebra. Societé general d'imprimerie (18), 1911, pp. 59-64. Trad. Guilherme Ribeiro.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu. Pesqui- sa participante – o poder da partilha. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

CASSIRER, Ernest. Linguagem e mito. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e terra, 1999.

CITELLI, Adilson. Linguagem e persuasão. São Paulo: Ática, 2007.

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

CLAVAL, Paul. Epistemologia da geografia. Florianópolis: Edi- tora UFSC, 2014.

CLAVAL, Paul. Espaço e poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

COHEN, Jean. Estrutura da linguagem poética. São Paulo: Cul- trix, 1974.

COSTA, Wanderley Messias da. Geografia política e geopolí- ticas: discursos sobre o território e o poder. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 2008.

COUTO, Alexandre; COUTO, Judith. KAXARARI, Miguel, Edmilson, Clemilda, Aldeir. Cartilha Kaxarari (1). Porto Velho, Sociedade Internacional de Linguística, 2005.

DANTAS, Kelen Gleysse Maia Andrade. "Nas fronteiras da 'terra prometida': trajetórias de trabalhadores rurais do alto Acre". Dis- sertação de Mestrado, Rio Branco**,** 2009.

DARDEL, Eric. O homem e a terra. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DEMO, Pedro. Pesquisa participante – Saber pensar e intervir juntos. Brasília: Líber livro, 2004.

DEMO, Pedro. Metodologia do conhecimento científico. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2009.

ERNESTO, Pedro Filho. Por dentro da cantoria. 1. ed. Fortaleza: Ademir Costa Editor. Centro Cultural Banco do Nordeste, 2013.

ERNESTO, Pedro Filho. Cidadania do repente. 1. ed. Fortaleza: Programa Cultura da Gente. Banco do Nordeste do Brasil, 2007.

FERREIRA, José Fernandes. Filosofia da reflexão poética. 1. ed. Impressão particular. Fortaleza, 1988.

FROST, Robert. **Selected Poems of Robert Frost.** Intro. Robert Graves. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1963.

GABARRÓN, Luís R; LANDA, Libertad Hernandez. O que é pes- quisa participante? In: Pesquisa participante – o poder da par- tilha. BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

GNERRE, Maurizio. Linguagem, escrita e poder. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

HAESBAERT, Rogério. Regional – Global: dilemas da região e da regionalização da geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

HAESBAERT, Rogério. Latifúndio e identidade regional. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

HAESBAERT, Rogério. Viver no limite. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HAESBAERT, Rogério. Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo. Niterói: EDUFF, 1998.

HAESBAERT, Rogério. Blocos internacionais do poder. São Paulo: Contexto, 1994.

HAESBAERT, Rogério; GONÇALVES-PORTO, Carlos Walter. A nova desordem mundial. São Paulo: UNESP, 2005.

HAESBAERT, Rogério; PEREIRA, Sérgio Nunes; RIBEIRO, Gui- lherme (orgs). In: Vidal, Vidais. Textos de geografia humana, regional e política. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 1992.

HENRIQUES, Isabel Castro. Percursos da modernidade em Angola. Dinâmicas comerciais e transformações sociais no século

XIX. Lisboa, IICT/ICP, 1997. Versão portuguesa de Commerce et changement en Angola au XIXe siècle. Imbangala et Tshok- we face à la modernité. Paris, L'Harmattan, 1995, 2 vols.; "L'urbanisation commerciale en Angola au XLXe siècle", in Universo urbanístico português 1415-1822. Lisboa: CNCDP, 1998, pp. 313- 330; "Comércio e organização do espaço (c. 1870-1950)", in Actas da III Reunião Internacional de História de África - A África e a instalação do sistema colonial, 1885-1930. Lisboa: nCT, 2000, pp. 71-90.

HENRIQUES, Isabel Castro. Território e identidade. A constru- ção da Angola colonial (c. 1872-c. 1920). Lisboa: CHUL, 2004.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. Que é isto filosofia? Identidade e dife- rença. São Paulo: Lumiar das Cidades, 1971.

HEIDEGGER, Martin. Os problemas fundamentais da Fenome- nologia. Petrópolis: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. Ontologia – Hermenêutica da facticidade. Petrópolis: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. Ser e verdade. Petrópolis: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. Marcas do caminho. Petrópolis: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. Sobre a essência da linguagem. Petrópo- lis: Vozes, 1999.

HEIDEGGER, Martin. A essência da liberdade humana: Intro- dução à filosofia. Rio de Janeiro: Viaverita Editora, 2012.

HOLZER, Weber. A discussão fenomenológica sobre os concei- tos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. In: *Revista Território*. Rio de Janeiro, ano IV, (7), 1996, p. 70.

LIMA, Geórgia Pereira. Brasivianos: culturas, fronteira e iden- tidades. XXVIII Simpósio Nacional de História, 27 a 31 de julho. Florianópolis-SC, 2015, p. 10.

LINS, A. Estellita. Linguagem internacional e diplomacia. Brasí- lia: Escopo Editora, 1987.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura Amazônica: Uma poética do Imaginário. São Paulo: Escrituras, 2001.

MARKHORST, Jochen. "**We Better Talk This Over**": Bob Dylan´s Rhyme, Rhythm, Reason and once live too." Disponível em <https://bob-dylan.org.uk/archives/8590>.

MARTINS, José de Souza. Fronteira – A degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Contexto, 2009.

MELO, Elson. Mata virgem. Manaus: Edição do Autor, 1981. MOLES, ABRAHAM. O cartaz. São Paulo: Perspectiva, 2005.

NEVES, Flávia. **Estrutura externa de um poema**. Disponível em: <www.normaculta.com.br/estrutura-externa-de-um-poema>.

RANZI, Pedr. Vamos falar o acreanes. Rio Branco: EDUFAC, 2017. SANTANA, Carlos César; SOUZA, Israel Pereira Dias de. Disputas e reconfigurações territoriais na Amazônia-boliviana: um estudo sobre o Departamento de Pando. II encontro da socieda- de brasileira de sociologia da Região Norte – 13 a 15 de setembro de 2010. Belém.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). Reconhecer para liber- tar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma concepção multicul- tural de direitos humanos. Faculdade de Economia da Universi- dade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, junho/1997.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Jandir Silva dos. Filosofando: *Revista de Filosofia da UESB*. Ano 1, n. 1, janeiro-junho de 2013, ISSN: 2317-3785.

SAUER, Sérgio; WELLINGTON, Almeida (Orgs.). Terras e terri- tórios na Amazônia: demandas, desafios e perspectivas. 1. ed. Brasília, s/d.

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial**.** In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. Territórios e territorialidades: Teorias, processos e conflitos**.** São Paulo: Expressão Popular, 2009. Editora UNB, 2011.

SECRETO, Maria Verónica. Soldados da borracha. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

SILVA, F. C. Geografia e poesia lírica: considerações sobre *A poética do espaço*, de Gaston Bachelard. GEOUSP – Espaço e Tempo. São Paulo, v. 19, n. 1, p. 60 - 75, 2015.

SILVA, Maria das Graças. O espaço ribeirinho. São Paulo: Ter- ceira Margem Editora Ltda., 2000.

SILVA, Josué da Costa. Mito e lugar – Parte V. *Revista de Educa-* ção, *Cultura e Meio Ambiente* - set. n. 13, vol. II, 1998.

SILVA, Josué da Costa. Cuniã: Mito e lugar. Dissertação de mes- trado. São Paulo: FFLCH/USP, 1994.

SILVA, Sidney Antônio (Org.). Migrações na Pan–Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais. São Paulo: Hucitec, 2012.

SILVA, Sílvio Simione da. Resistencia camponesa e desenvolvi- mento agrário – uma análise a partir da realidade amazônico-acreana. Rio Branco: EDUFAC, 2011.

SOUZA, Raimundo F. Arigó. São Paulo: Scortecci, 2004.

SOUZA, Charles Benedito. Geopolítica na Pan–Amazônia: ter- ritórios, fronteiras e identidades. *Revista Geoamazônica*, n. 2. Vol. 1. Belém. 2014.

SOUZA, C. Alberto. História do Acre – Novos temas, nova abordagem. Rio Branco: Autor & Editor, 2006. TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar. São Paulo: Difel, 1983.

FRANCISCO MARQUELINO SANTANA - é doutor em Geografia Pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR – Campus Porto Velho e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa dos Modos de Vida e Cultura Amazônica – GEPCULTURA, do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UNIR e pesquisador sobre Geografia Poética, bem viver e Fenomenologia Poética Ontológica das populações originárias e tradicionais da Pan – Amazônia. Professor, poeta, escritor, cronista e colunista do site newsrondonia.com.br. Marquelino Santana reside no distrito de Extrema – Município de Porto Velho no Estado de Rondônia e é autor de importantes obras, tais como: Poemas da Vida Amazônica (trilogia poética); Seringueiros brasivianos do rio Mamu e Crônicas da Pan – Amazônia, dentre inúmeros artigos e capítulos de livros publicados. O autor é ainda membro – comendador da Câmara Brasileira de Cultura e pesquisador do grupo de pesquisa Geografia Política, Território, Poder e Conflito da Universidade Estadual de Londrina.

POEMAS DA VIDA AMAZÔNICA

Morte e vida seringal

Volume 1 | 2ª edição

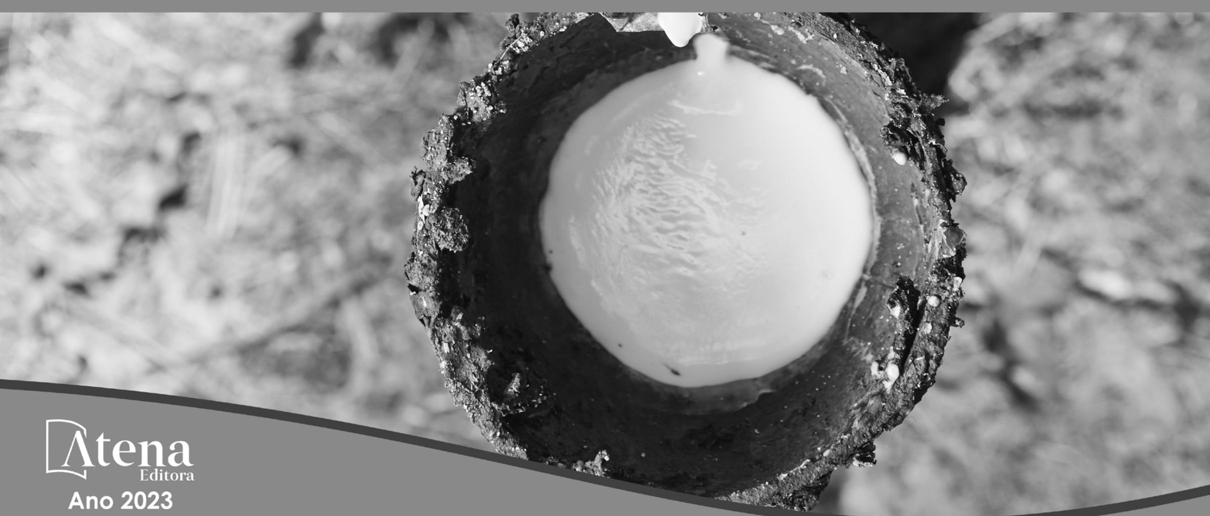


www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

@atenaeditora

www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena Editora

Ano 2023

POEMAS DA VIDA AMAZÔNICA

Morte e vida seringal

Volume 1 | 2ª edição



www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

@atenaeditora

www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena Editora

Ano 2023